

COMO NÃO AGRADAR AS MULHERES

Sabe-se de um pai pela noite que vive: o filho.

“Escrevo para reaver um amor juvenil que não houve.”

Lord Thomas New

Nota do editor

Podemos ler o terceiro livro de Raul Ruas como a retomada de um estilo. Ou mesmo como uma geometria da conquista. Ao ler *Como não agradar as mulheres*, é impossível não pensar nas irônicas e engraçadas obras do início do século 19: *A arte de pagar suas dívidas e satisfazer seus credores sem desembolsar um tostão*, de Émile Marco Saint-Hilaire, *Código galante ou a arte de cortejar*, atribuído a Balzac em parceria com seu editor Horace Raisson, ou ainda *A arte de nunca almoçar sozinho e sempre jantar na casa dos outros*, ou, enfim, *Como escolher amante*, de Benjamin Franklin. Reconheçamos de início, para o bem da literatura, que não é a forma (ou o estilo) do século 19 que está superada: nós é que parecemos datados, não sabemos mais curtir a ironia, e é justamente isso que Raul Ruas nos propõe e é por isso que devemos levar este livro a sério. Em um mundo regido pela performance, inclusive no amor, saber relacionar, encontrar um ponto de equilíbrio entre o espírito de geometria (performático) e o “esprit de finesse”, é uma virtude. Se o espírito geométrico considera nulo o que não se pode definir (o amor), o trabalho do “esprit de finesse” consiste em saber conduzir o conquistador entre gestos, pensamentos e noções vagas das mulheres. Gestos e pensamentos vagos que nos levam ao campo do imaginário, núcleo central do livro. Lemos aqui que todo conquistador se joga inteiramente no imaginário, muitas vezes às cegas. É aí que o “esprit de finesse” quer se construir. Sabemos que a paixão busca sempre o que está oculto no objeto. As sensações próprias da paixão à primeira vista estão, pois, fora das leis da razão e do espírito geométrico: “O que é ‘amado’” – escreve Valéry – “é, por definição, desconhecido de alguma maneira. Eu te amo, portanto, não sei o que tu és. – Portanto, te construo – eu te faço; e tu te desfazes. Construo minha morada, meu ninho, um tecido de imagens para viver nele, para aí guardar o que acredito ter encontrado, para me esconder de mim mesmo”. Na conquista, a mulher procura sempre desfazer contextos. Eis o erro, ou a contradição: se o movimento natural da paixão leva o homem a *divinizar* a mulher no ato da conquista, modelar sua criação, a mulher, de maneira mais ou menos consciente, procura arruinar esta espécie de culto. Ato perverso? Só a ironia de *Como não agradar as mulheres* pode nos ajudar a entender. Raul Ruas parece dizer: sejamos prudentes, não acreditemos de imediato em todos os gestos e palavras das mulheres, porque é no universo do imaginário, do desfazer e

refazer contextos, que elas se põem. A arte do livro está em escrever não apenas o que se vê, mas principalmente o que não se vê. Qualquer coisa a ser conquistada é construída de suposições – causa de tantos desenganos porque indeterminadas e sempre fluidas. Esse poder de evocar as aparências de coisas ausentes nos põe diante de uma contradição incontornável: a imaginação nos engana sobre sua própria natureza, mas dependemos dela para entender as mulheres.

Um conquistador atento – e parece ser este o caso do narrador deste livro – recorre pois à astúcia para desvendar as imagens a partir das fisionomias, dos gestos, dos movimentos, das palavras que as mulheres não conseguem dizer, mas também não conseguem dissimular. Descobrir na imaginação o que é evidentemente real, eis a arte de *Como não agradar as mulheres*.

Adauto Novaes

Jogo sem regras

Marilena Chaui

Eis um prefácio difícil. Não deveria sê-lo, pois este é um livro formidável. Mas justamente por isso a dificuldade, pois Ruas adota um estilo epigramático, que leva à tentação de repetir os epigramas, ou um livro aforismático, que leva à tentação de repetir os aforismos. Onde a tentação de repetir passagens ou frases e com isso tirar o prazer do leitor, uma vez que o livro é um tecido engenhoso de tiradas inesperadas, irônicas, amargas, melancólicas e esperençosas que não podem ser arrancadas do contexto. Tentemos não ser desmancha prazer.

Este livro é um manual às avessas. De fato, do que se trata nisso que Ruas chama de “bula afetiva” destinada ao tratamento dos homens que sofrem da “síndrome do não”? Logo na abertura do livro, o autor apresenta o contraponto entre arte e disposição, isto é, entre o deliberadamente planejado e construído e a índole natural ou o que alguém é por natureza. Esse contraponto, porém, logo recebe um piparote, pois o autor se dispõe a “apresentar o avesso”, isto é, ensinar o que não se deve fazer e, portanto, uma arte, embora a contrapelo ou, literalmente, às avessas. Com efeito, oferece um conjunto de regras para que seja bem sucedido “o primeiro momento masculino de encontro com o feminino”, mas desmancha cada uma delas não só por que são lugares comuns ineptos que viram em seus contrários, mas também (sobretudo) porque a única regra é que não há regras. O sedutor experiente, o sedutor sempre mal-sucedido e a desejada esquiva ou perversa comparecem para tipificar tanto a inépcia da regra quanto a inépcia para explicar a inexistência dela (um encontro bem sucedido vira uma questão de jogo, roleta, acaso, destino ou de “nascer com a estrela”).

No início da leitura, o leitor desavisado talvez indague se, realmente, o autor pensa o que escreve, surpreendendo-se que um escritor de tão alto calibre, sob a aparência de muita experiência, conhecimentos científicos e filosóficos, possa ser tão tacanho sobre o conjunto mínimo de palavras e gestos automatizados de homens e mulheres nos pouquíssimos lugares de encontro (boates, bares, blocos carnavalescos) ou que possa ser tão preconceituoso sobre o que designa como “o ente feminino”. É que, um tanto desatento, o leitor tende, de início, a desconsiderar a agudeza da construção do texto, no qual a perplexidade de Karl Kraus, Lord

Thomas New e Mustapha Khayati (postos nas epígrafes) é desfeita pela banalidade dos relatos, que desembocam, afinal, na ironia impiedosa do “groucho-marxismo”.

Ora, o que essa estrutura textual nos ensina?

Em vez da *Arte de amar* de Ovídio, das *Ligações perigosas* de Laclos, dos conselhos de Casanova ou Don Juan, *Como não agradar as mulheres* deliberadamente começa retirando toda grandeza e mistério do assunto e nos faz pensar em Groucho Marx e no Flaubert de *Bouvard e Pecuchet* – elogio maior seria impossível – pois, com trocadilhos geniais e irônica complacência funciona como desmontagem de todos os estereótipos (brasileiros?) sobre homens, mulheres, sexo, amor e sedução ou, melhor, como significativamente escreve Ruas, a “pegação”. A viagem pela geografia do suposto feminino – como são as cariocas, as paulistas, as gaúchas, mineiras, catarinenses, baianas, parisienses, holandesas e o restante do mapa-mundi -- é andança sem jamais sair do lugar, repetição de lugares comuns nacionais e internacionais, ora com jeito de grande sapiência ora com degradante vileza. À monótona repetição do espaço vem se contrapor a viagem pelo tempo, a história do sexo e do amor, da antiguidade ao advento do cristianismo, do livre pensamento da Ilustração Francesa ao século XX, “repressor, burguês, hipócrita, feminista, alucinado, político, alternativo”.

Aos poucos, o leitor se dá conta de que a estrutura literária é a construção sábia e paciente de poderosa crítica ao conservadorismo contemporâneo.

Compreendemos, então, o porquê da pobreza dos gestos e das palavras, da pobreza dos espaços de encontro, em cuja “confusão, barulho, escuridão, etilismo”: essa pobreza evidencia que o encontro com o outro e com o desconhecido se tornaram impossíveis. O sonho do século XX do sexo livre foi destruído pela massificação e pela normalização das sociedades ocidentais, nas quais foi parido o século XXI, “sob o signo da seriedade”. Aqui, a vida afetiva oscila num movimento pendular absurdo entre a sexualidade “séria”, isto é, produtiva, institucionalizada, regrada por uma pedagogia do sexo, e a “pegação” volátil e efêmera.

Essa afetividade degradada, descobrimos no final do livro, só poderá ser subvertida por sua negação, isto é, a *aproximação*, relação nascida do reconhecimento espontâneo de sinais involuntários entre homens e mulheres que amorosamente “se vão enriquecendo de significados” para que, ainda uma vez, recupere sentido o verso de Omar Kháyám: “Deste-nos olhos e permitiste que a beleza de tuas criaturas nos deslumbrasse”.

Nota

Quando pouco antes da edição deste pequeno manual, houve quem me interpelasse: “Por que não o título: a arte de desagradar as mulheres?” – porque, respondia invariavelmente, “desagradar” constitui uma ação em sentido positivo (mesmo que negativo), exigindo opções minuciosas, além de talento congênito: uma arte de fato.

Diferente, “Como não agradar as mulheres” trata de disposição – imposição – natural, o que não exige, necessariamente, disciplina (minuciosa) ou talento, uma vez que neutralidade, insipiência ou, mais ainda, frouxidão constituem um perfil fluido ou, no limite, invisível – nada que se pareça com arte (mais parecendo com mágica). Além disso, quem não agrada sofre – bem sei – de um mal pior, que é a indiferença; essa que, sim, pode, por vezes, “desagradar”, uma vez que há quem não goste de água (o que, efeito secundário, não contradiz as afirmações anteriores).

Note-se, por fim, que: se o fato de “não agradar” prescinde de disciplina (diferente da arte), isso não significa que não haja regras para que se alcance tal condição (foram nelas que mais avancei). Será delas que se tratará aqui... Com que objetivo? Com o objetivo de, ao apresentar o avesso, ajudar a alcançar o direito. Ou, numa frase: a ensinar a não fazer como fiz – uma vez que, ao avaliar meu passado, posso afirmar que, pelo menos, metade mais uma das minhas investidas afetivas acabou mal.

PRIMEIRA PARTE

1

“Eis a verdadeira relação entre os sexos, quando o homem confessa: ‘Meus pensamentos são sempre sobre você, e por isso são sempre novos’”

Karl Kraus

Apesar da nota acima, o título deste pequeno livro continua a delimitar pouco, de modo que “Não agradar as mulheres” pode ir de uma tia à namorada, passando pela vizinha (que sempre merece alguma atenção).

Assim, que se defina melhor: trata-se de “não agradar uma mulher desejada” – a desejada, desde já – quando da primeira aproximação (a abordagem sediciosa ou “pegação”), o que, por agora (amanhã já não se sabe), dá-se em festas, boates, blocos carnavalescos ou situações peculiares.

Delimitado melhor o raio de ação (ou ação frustrada), é – acho – preciso insistir: por que um livro assim? Por que o teor negativo?

A resposta pede um breve histórico.

É claro que gostaria de poder trabalhar o pólo oposto (mais cálido). Cheguei a cogitar um livro cujo objetivo seria reunir regras para aproximar-se habilmente das mulheres (não que fossem as memórias de um Casanova). Queria simplificar (ou complicar positivamente) a vida amorosa de um possível descendente masculino, uma vez que a minha mesma não tem sido um desastre, como este pequeno manual pode fazer supor. Não. Depois da minha adolescência, à medida que os anos passavam, fui mesmo descobrindo mais e mais truques, que me permitiram algumas namoradas, dois casamentos falhos – mulheres bonitas, até. Só que – julgamento feito – meu aprendizado sempre foi mais lento do que meu insucesso, o que conduz ao registro deste, mas não como se deu em minha vida, o que atrapalharia qualquer pretensão analítica, de modo que quase todas as histórias que seguem crédito a um amigo, querido, que preferiu o anonimato, sob

o pseudônimo: Y. A ele, enfato, devo boa parte deste manual, que conta – pela voz do amigo, desprendido – falhas e falhas...

Falhas. Por outro lado – e só por agora –, para que se prove que aprendi e que, um dia, quis, sim, um livro cujo objetivo seria a boa aproximação, reproduzo os temas esboçados:

Da aparência:

- do corpo. Em caso de preguiça, o fundamental, ou seja: exercícios para emagrecer e alargar os ombros. Vide item “dos gestos”;

- das roupas. Como saber qual é seu tipo; como criar um tipo (ver também item “dos gestos”). Como se vestir segundo ele. Neutralidade e alguma cor (tons avermelhados) sempre vão bem. Observados os graus de formalidade da ocasião, aproximar-se dos estilos mais despojados. Qualquer estampa é arriscada; que tipos podem correr esse risco? Os artistas magros, os apreciadores de maconha, os definitivamente despojados etc.;

- do perfume. Observar a regra das regras, ou seja: a singularidade comedida, que sugere, entre os perfumes em voga, os mais discretos. Estudos indicam que as mulheres preferem os cítricos – até porque “florais” ou “amadeirados” são, para homens, muito arriscados, assim como perfumes muito singulares, que podem tanto alavancar sucessos quanto impedir aproximações. Casos de sucessos espontâneos são também, segundo estudos, perfumes que lembram às desejadas seus respectivos pais;

- dos gestos. Eles devem ser em conformidade com meia dúzia de tipos: observadas as classes sociais, os tipos que elas mesmas criam: atléticos, estudiosos, alternativos (cujas alternativas confirmam os padrões), hedonistas que desconhecem experiências etc. Que se note: até a “loucura” deve ser coordenada. Afinal, quem quer emitir sinais descabidos? Afinal, quem não gosta de ver o que já conhece?;

- cigarros e copos. As mãos devem estar sempre ocupadas, o que se prova observando-se desde as pinturas renascentistas até as fotos comerciais atuais. Nada de braços cruzados ou mãos atrás das costas. Lembrar de Humphrey Bogart e, além, de uma máxima dele: “A humanidade está sempre três doses de uísque atrasada”, o que pede o item a seguir;

Da ação:

- até que ponto beber? Até que se dê a integração relativa ao todo: o exato ponto em que se esquece um tanto de si, em favor do clima do grupo. Ir além é voltar para si, tornando-se disperso e incomunicável. No mais, não se envolve uma mulher sem, antes, estar envolvido na neblina em que ambos estão – e mais: em seu momento mágico, que é quando todos estão mais propensos uns aos outros, mais dionisiacos, em detrimento das individualidades, com suas precauções, seus humores ou pudores etc. (Enfim: em estado de “sono inocente que desata a meada complicada dos nossos cuidados” – escreveu famoso renascentista.) Aqui, trata-se também de saber das variantes que as ocasiões apresentam: o momento de um bloco carnavalesco, por exemplo, tende ao seu fim, quando se abrem espaços entre os foliões e as bebidas já ganharam, pela vez delas, seus espaços. Diferente é a boate, que tende para o meio da noite, quando uma eventual desejada intui que os tecidos abstratos já se costuraram (trata-se do momento socialmente aceitável ou da união dionisiaca-apolínea) ou os adversários já se estudaram (a bebida aqui, também, contribuindo). O excesso etílico... Um dia, inevitável, deve fazer-se acompanhar da seguinte preocupação, constante: hoje, as aparências, de fato, enganam; logo, em caso assim, sugere-se analisar cuidadosamente os tamanhos das mãos e do pomo de adão, além do timbre de voz. Do dia seguinte ao álcool: ele será impune se, para cada dose de destilado ou lata ou cálice de fermentado, tenha-se tomado um copo d’água. Além disso, que se tome uma cápsula de complexo vitamínico “B” antes, durante e depois do consumo etílico;

- da dança. Quase todos os homens dançam como se fossem enlatados (o que bem podem ser). Para tanto, há, pelo menos, dois motivos: medo de destoar e medo de rebolar. Aqui, como sempre: a singularidade comedida. Dançar um pouco diferente;

- da forma da fala. Cada frase deve ser curtamente envasada, uma vez que os ambientes em questão são necessariamente barulhentos; uma vez que não há pior reação a uma frase natural do que: “O quê?”. Repetir a espontaneidade é matá-la, e matá-la é começar a suscitar desinteresse.

- do conteúdo da fala. Sabe por que os políticos não são mais espirituosos (como o foram Winston Churchill ou Charles de Gaulle)? Porque é fato pesquisado que a maioria esmagadora da população desconhece o humor (quem dirá a ironia). Está morta também a metáfora. Sabe-se por quê? Porque ela foi morta, e faz tanto tempo que já há toda uma geração que a desconhece. Logo, a idéia aqui é: “Seja original. Fale o mesmo de forma um pouco diferente”. De resto: evite fórmulas e, se possível, espontaneidades que possam soar como tais. Se for o caso de preparar

falas, prepare-as como se fossem gerações espontâneas. Fale, basicamente, segundo o contexto, mesmo que ele tenha que ser preparado. Enfim – e aqui não se trata de ciência; trata-se somente da opinião do autor –, se encontrar uma desejada que tenha humor, desconfie, bem como se deve desconfiar de determinados livros;

- não apareça de repente, pois mesmo as melhores aparências, se vistas assim, assustam (ainda mais no escuro da boate). O princípio, o mesmo: deixe que a desejada acostume-se com qualquer traço singular que há em você (afinal, isso acontece com todos) e aproxime-se, deixando-a ver que é você. Ninguém gostou da “Guernica”, de Pablo Picasso, assim que a viu;

- respostas a respostas. Prepare uma cartada para cada reação negativa padrão: – Tenho namorado. – Pois é: eu tenho namorada e, por isso, estamos numa boate – eis uma boa resposta, que, exatamente por ser boa, deve-se evitar. Melhor é: – Não adiante as coisas; é só uma conversa. Outras negativas comuns: – Tenho que achar minhas amigas. – Vim aqui para dançar etc;

- das gordinhas. Das feinhas. Das mais velhas. Eis figuras interessantes e surpreendentes. São mais versáteis, mais entregues. Com elas, pode-se refinar a arte sexual. São amáveis, o que não significa que possam ser abertamente amadas; afinal, se o mundo é injusto, os homens são mais. Com relação às mais velhas, especificamente, cabe elencar as qualidades que concorrem para elas, segundo Benjamin Franklin: conversam melhor; em compensação à juventude perdida, são mais amáveis; são mais prudentes e discretas; relacionam menos sexo e compromisso; enfim: elas ficam tão gratas... Não é por acaso que Franklin estampa a nota de cem dólares.

Da continuidade:

- nenhum sentimentalismo. Nenhuma ansiedade. Em qualquer dos casos, telefonar para um bom amigo, disposto a ouvir como “ela” é incrível. Depois da conquista, sugerem-se três dias, antes do primeiro telefonema; média que se deve manter até que a conquista converta-se num namoro, que não é tema aqui. Em caso de sexo, telefonar no dia seguinte é uma boa medida – exceção feita a mulheres que se querem mostrar desapegadas; nesse caso, um par de dias é um bom corretivo. No mais, mensagem via telefone celular (meio que se tem mostrado efetivo), dependendo do teor, corresponde a metade de um telefonema (não se marca encontro por meio de mensagem ou mensagens: qualquer ação mais definitiva pede voz). Quanto ao teor, sugere-se a praticidade associada a algum gracejo (limitado segundo o item “do conteúdo da fala”).

Enfim:

- Saber dominar a carioca é saber dominar qualquer tipo de mulher.

2

“Nada é mais insondável do que a superficialidade da mulher.”

Karl Kraus

Se a trajetória de um conquistador médio passa, teoricamente, pelas constatações apresentadas acima, sua prática – seu corpo –, mais uma infinidade de nuances, não pode prescindir de determinadas casos e reflexões.

Diante de tantas atitudes estranhas que se vêem nas noites, um espanto, primordial: por que quem pode aprender com a experiência trata de continuar errando, mesmo em questões tão banais, como as listadas acima?

Os motivos são múltiplos (falta de talento, auto-sabotagem, resistência a mudanças, acreditar-se espirituoso, “a síndrome do ‘não’”, que se explicará abaixo...), a começar pelo aprendizado dar-se aos poucos (exceto em caso de talentos naturais): errando; ou seja: não haver, para o tema aqui, apesar de bíblico, um messias que entregue placas.

* * *

Caso exemplar:

Quando tudo começou, ele tinha, então, para ser fiel a qualquer ordem, 18 anos, e nada de messias ou placas. Era um resignado – esse era mesmo o resumo dele. Alavancado por um amigo e alguma bebida, ia sempre à mesma boate, cujas proporções eram românicas. (Pelo menos, não havia, então, o clássico enclave: “Aonde ir?”).

Assim, eram ritualísticas as investidas noturnas dele – como ritualísticas as negativas que ouvia de – então – meninas.

“Tenho namorado”, “vim aqui para dançar” ou “ficar com minhas amigas” – eis versões do mesmo, que, inepto, não tinha ocorrido ao nosso amigo Y (ele que atravessará todo este pequeno manual): o inexorável que era (e ainda é?) uma mulher começar o comércio simbólico com um “não”, uma vez que era isso mesmo que ela queria: que Y, usina, convertesse gastos (energéticos) em lucros: para ela; pequenos produtos coloridos, assim como pássaros abrem-se em penas ou constroem ninhos.

(Nosso Y era, então, lingüisticamente, ingênuo. Acreditava como, algum tempo depois, um amigo dele, mais mundano, ironizava: “Às vezes, o que se diz quer dizer exatamente o que se diz” – o que não se aplica às mulheres.)

Então, como ia, foi só o tempo que ensinou a Y que um “não” pode não ser propriamente um “não”; antes, uma brutice a ser trabalhada.

O tempo... Antes dele, pode-se afirmar que nem tudo era negatividade, pois há, aos 18 anos, uma positividade costumeira: energia – de que só um virgem pode dispor.

Então, assim era, em resumo, Y: desprovido de objetividade (para que concorria a bebida – verdade seja dita) e – segundo destacado – resignado, mais parecia era uma bola de pingue-pongue, uma vez que, sendo rapidamente rejeitado (achando justo até), rapidamente partia para outra investida, e isso de modo a somar, numa só noite, 23 ricochetes (contam-se), cujos pretextos (alguns), metódico que era, Y registrou antropológicamente:

“Estou com fome”. “Vou buscar minhas amigas”, o que ele esperou, satisfeito com o milagre da multiplicação. “É um garoto”. “Velho para mim”. “Nada disso”. “Também gosto de meninas” (alguma dica?). “Tenho que beber mais”.

* * *

Acima, aludiu-se a pássaros, o que obriga a uma constatação: se, talvez, sejamos primitivos, não somos, certamente, tão engenhosos como podem imaginar as mentes mais engenhosas – ou embotadas, a ponto de não enxergar além do humano, ou seja, do concreto.

Trata-se de um passarinho, discretamente marrom (“Satin-pardus”), que habita, na Austrália, a região de Chairland, cuja floresta tropical é fechada e úmida. Nada se daria por ele – o que começa a demonstrar nossa ignorância. Pois assim é tal passarinho: na primavera, recolhe pedaços de galhos, palhas e flores, o que ainda não o destaca.

Destacam-se são seus sentidos construtivo e estético (acima da maioria dos “Homo sapiens”), pois, munido do material que exigiu tantos vôos e análises, o passarinho começa por fixar os pilares de uma pequena casa; logo, o telhado, que pode assumir formas entre planas, piramidais e onduladas; enfim, o interior, que se compõe de flores, as mais diversas, nos mais diversos tons, cuidadosamente distribuídos (36 variações só de azul, supõem-se).

Então, o que há são inspeções, pois é chegado o momento de as fêmeas visitarem as pequenas casas – e decidirem, a partir delas, o macho com o qual copulará.

Este pequeno manual pouco sabe de biologia ou antropologia. Mesmo assim, à exceção dos *sidsis* (de que se tratará abaixo), arrisca-se a constatação: em contraste com o nosso falatório, a obra silenciosa de um “Satin-pardus” é um verdadeiro “hai-kai”.

3

“Deveríamos permitir que cada mulher nos introduzisse nos mistérios da vida sexual”

Karl Kraus

Continuação do caso exemplar:

Demorou ainda um pouco para que Y descobrisse a bela distância que vai de um “não” feminino ao beijo, o que, aliás, vem a ser a feminilidade mesma, com suas linguagens indiretas tão mais trabalhadas do que as lógicas masculinas. Mais: um tanto à frente, Y descobriria nele mesmo a predominância da sugestão sobre a lógica, o que lhe trouxe algumas vantagens interpretativas, como, por exemplo, saber diferenciar um corte definitivo de um parcial (ou seja: um que o tempo

poderia vencer). Por outro lado, as desvantagens pareciam maiores, uma vez que uma mulher não quer alguém que fale como ela, querendo, antes, mesmo durante a conquista, alguma assertividade; alguma agressividade até – de que Y via-se desprovido. Numa frase: ele era suave demais, por tempo demais. Ou, para ceder a algum cientificismo: entre os oito genes masculinos da guerra rastreados pelo Projeto Genoma, ele talvez não tivesse sido agraciado com um que fosse.

Enfim: alguma chance de a desejada ser abatida com uma clava e puxada pelos cabelos até uma caverna? Ou, em termos mais modernos: traços cafajestes? Não, eles foram negados a Y, como provam as reações que, então, ele suscitava em eventuais desejadas: “Você é muito educado”, “você é simpático”, “adorei conversar com você” etc. Quem – desesperava Y – ele teria que matar para mostrar às mulheres que elas não estavam falando com Mahatma Gandhi?

Sim, ele tinha descoberto que um “não” não era necessariamente um “não”. O que ainda não tinha descoberto era como falar com “elas”. Que idioma seria esse?

Ou: “O que fiz de diferente desta vez?” – pensava Y, enquanto beijava, enfim, uma bela mulher, na boate que – outra época – passou a freqüentar com outros amigos. Interessante foi que, tão logo desconhecia o motivo do seu sucesso, tão logo seu sucesso propôs-lhe, na ocasião, um lugar mais reservado: um bar (contanto que ele a deixasse em casa depois...). Enfim, o talento de Y tinha sido reconhecido; enfim, a balança começava a equilibrar-se; enfim, a roda da fortuna...

Estava no tal bar. Gabriela (pois esse era o nome) estava um pouco agitada. Y perguntava, e ela dizia que estava bem: até que disse que não estava bem porque o ex-namorado dela estava no bar – e era forte.

O que se faz? Muda-se de bar. O que aconteceu? O namorado estava no novo bar também.

Foi então que, gentilmente, Y propôs levá-la em casa. Sinalizou para um táxi, enquanto Gabriela olhava em volta.

A caminho, ela disse que Y estava estranho. Que estava distante. Disse mais: que, quando fosse para deixá-la em casa, que ele não saltasse do táxi, pois não se sabia quem poderia estar espreitando. Obedeceu. Desceu do táxi pouco adiante, pois, entre boate e dois bares, ficou sem dinheiro. Voltou para casa pela orla, o que obrigava a pensar: era natural que uma paranóica gostasse de quem lhe parecesse gentil. Estava, portanto, destinado às loucas, o que o obrigaria a

analisar melhor as mulheres antes de qualquer aproximação. Isso caso ele não quisesse acabar com uma faca enterrada no peito.

4

“Amor rejeitado é amor multiplicado.”

Machado de Assis

De volta ao cotidiano de Y, ele não estava propriamente numa situação cotidiana.

Estava era em viagem: numa praia, que fazia uma década, tinha sido idílica.

Apaixonou-se em 15 minutos (e não foi pela praia). Era uma mineira cujos cabelos cor de cobre, os olhos castanhos bem claros e a pele bem branca... Onde constelações de sardas, aqui e ali, predominavam...

Um encontro casual, pois, na falta de mesa livre no restaurante familiar, Y teve que dividir a que ocupava com a mineira e suas amigas. Elas começaram a conversar (com ele inclusive) – e eram divertidas, mesmo que a baixinha (havia, além, uma gordinha) tendesse ao humor negro.

Quanto à ruiva; pois quanto a ela... Terminaram o jantar, ela tendo aceitado andar com Y (só ela). A praia emocionava. A brisa, o céu... E ele se flagrou declarando-se, ao que ouvia a insistente resposta: “É que não ‘fíco’ assim. Normalmente, demora; gosto de conhecer, conversar, até que aconteça naturalmente, o que pode levar dias”.

Era isso – e isso. Mais do que isso foi quando ela convidou Y a ir ao acampamento dela (todos que estavam na praia estavam acampados).

O sangue circulava rápido no caminho que ela permitia a ele. Acampamento, e Y estava, de novo, preso em meio às amigas da ruiva. A baixinha contando histórias estranhas, e a gordinha lidando com um fogão de duas bocas; lidando até o momento em que ela resolveu alimentar uma das bocas, acesa (fraca, é verdade), despejando álcool direto nela. Direto, vertido da garrafa que

ela segurava. Era o fim. Não demoraria, a gordinha perderia a mão e todas as barracas (de lona) seriam engolidas pelo fogo...

Se não foi tanto, fato era que o fogão tinha explodido, e havia, portanto, uma labareda no meio do acampamento. Ela que crescia em todas as direções, enquanto vultos corriam em busca de água, Y jogando areia na nada romântica fogueira. Tudo deve ter durado uns cinco minutos, até que restasse uma chama como a de um esqueiro. A baixinha ria, a gordinha estava bem e a ruiva parecia mais bonita do que nunca, filiada ao fogo.

E, então, restou a Y o golpe final e dramático: pisar na pequena chama. Foi quando, tendo arrebatado ar em volta de seu pé, o fogo ganhou nova vida ou, numa frase: o pé de Y pegava fogo. O pé que, como tomado de vida própria, chutava tudo que aparecia, até que o fogo mostrou-se não mais do que superficial, como que desse um último suspiro.

Enfim, o pé não estava queimado; estava era cortado por conta dos chutes que tinha dado. No mais, todos riam, ao que Y resolveu despedir-se de todos, interrompendo a baixinha que contava, rindo, de não sei quem que tinha pegado fogo numa praia qualquer...

De volta à barraca, que era em outro acampamento, descansou, pensando ainda nela, nela...

Tomou banho e vestiu-se para a noite – a mesma em que veria a ruiva, aos beijos, agarrada num qualquer.

5

Síndrome do não

“As mulheres pelo menos possuem cosméticos. Mas com o que os homens encobrem seu vazio?”

Karl Kraus

A essa altura da vida afetiva do nosso Y, não seria difícil supor que ele estivesse desencorajado. Era mais: ele sofria do que se batizou de: “Síndrome do não”. Superficialmente, trata-se – como o nome mesmo permite supor – de aproximar-se da mulher que seja, esperando ouvir: não.

Superficialmente. Indo além, trata-se, antes de tudo, de abrir uma dimensão: a dos signos.

Se, por exemplo, toda boate é, objetivamente, um ajuntamento que fervilha, ela é também, mais objetivamente ainda, um ajuntamento em que fervilha, em meio a seus participantes, um mundo de sinais.

Um olhar trocado é como um fio de seda. Trocam-se palavras, preciosas, enquanto o corpo fala: passa-se a mão nos cabelos por timidez. Pouco além, os cabelos são redes. Determinada maneira de segurar bebida e cigarro na mesma mão desperta interesse, uma vez que detalhes despertam interesses, sendo o conjunto deles: o charme, a que a mulher é mais suscetível do que o homem. A mulher que é mais suscetível também ao todo: como ambiência; ao falso positivo (para usar uma linguagem mais científica): à falsa expansão, à falsa tranquilidade, à falsa segurança... Homens que não se sentem confortáveis em seus corpos. Homens que não escondem que estão onde estão por força de um só objetivo, sem o qual a noite não terá rendido (ao passo que a integração prazerosa ao todo facilitaria alcançar tal objetivo). Homens que se voltam como nunca para mulheres, interessados (no porvir): eles perguntam, elaboram fórmulas encantatórias, sorriem... E, enfim, em meio a tudo isso, está quem, tomado pela “síndrome do não”, anuncia, em gestos e palavras, suas derrotas sem batalhas.

Como tratar desse doente? Uma lição sobre aprofundar as aproximações seria pouco, pois isso trataria só do aspecto material. Seria preciso que o doente acreditasse mais em si para abandonar sinais negativos junto às mulheres – só que, para isso, seria preciso que ele fosse mais bem sucedido, o que gera um círculo vicioso, uma vez que ser bem sucedido depende de abandonar sinais negativos...

Aqui, então, como no caso de todo bom tratamento, é preciso atacar o que parece lateral e é principal: é preciso que, por algum tempo, o doente abandone a idéia de batalha. Festa, boate etc. não se encerra na palavra: mulher, embora todo evento assim seja feminino em seu fundamento: suscetível, mutante, sugestivo, repentino... Aqui, divertir-se com o simples fato de que se está num “lugar divertido”, ou seja, social, etílico, musical... O princípio é o relaxamento; sentir-se confortável em si, ou seja, conversar (desinteressado), beber, dançar... O desdobramento é a liberdade; o fim é a naturalidade (restituída).

Entre elaborar o tratamento acima, certificar-se e passar por ele, Y demorou quase dois anos. Esperando que o leitor não seja acometido pela “síndrome do não”, espera-se, em caso de síndrome, que este capítulo permita a cura em poucos meses.

6

Grandes detalhes

“Falta-lhe somente um defeito para ser perfeita”

Karl Kraus

Afastado o “não”, um ambiente, em que detalhes ganham dimensões.

O jeito com que se abre uma cerveja. O cigarro fincado na boca. Encosta-se num muro.

Os teoremas que regem o tema deste livro – suas leis de gravitação, nada universais – são incertos. O que mata aqui... Dá vida ali.

Sim, existem a beleza e a desenvoltura, ou seja, as derivadas, pois as integrais são as manifestações mais difusas.

Certo que, para o homem, a beleza feminina reveste-se de status, acontece que há belezas mais ternas e recônditas, para aquém – logo, além – da distância entre a ponta do nariz e o lábio superior, a cintura – que parece falar aos nossos instintos mais antigos – ou a cor dos olhos.

Acontece, enfim, que todos – mulheres mais – são arquivos vivos em que vão imagens do sexo oposto que remetem à primeira infância: a mãe existe mesmo para o órfão. E, integrantes dessas imagens, detalhes e mais detalhes, além de detalhes de detalhes.

A adolescente que me rejeitou tinha um nariz delicado que apontava para cima. De minha primeira namorada, gostava da ternura com que pronunciava determinadas palavras. Gostava das mãos... Perto da pista de dança, ela parece olhar indefesa – e forças que me determinam, apesar de mim, fazem-me um tipo paterno. Ou: sou eu o perdido, que uma passante acha.

O jogo de que se trata aqui é a roleta, e, nesse jogo, há quem se limite a um número, ou seja, um em trinta e oito. Há quem, sortudo, seja que nem par ou ímpar, o que indica, virtualmente, metade das possibilidades. Que tipo é esse?

É o preferido das mulheres: o charmoso. Ele cujas manifestações agradam em amplo espectro. Ele que, entre gestos e palavras, costura redes coesas, o que explica a ciência classificatória; um tipo bem masculino, outro frágil, e mais: agradavelmente infantil, engraçado na medida, descontraído, auto-destrutivo e, enfim, o tal misterioso. A lista é interminável, até porque há tipos que não se classificam.

Isso tudo de forma que, para quem o charme – no sentido encantatório da palavra, inclusive – é raro, parece... O estigma de uma estrela, como quem dissesse: “Esse nasceu com a estrela”, o que, em certos casos, os mais proeminentes, é verdade – como é verdade que se nasce para dominar a bola com os pés ou o tabuleiro de xadrez.

Genialidade de que dá testemunho um conhecido. Não é bonito – é careca, inclusive –, não é engraçado, não fala como quem enreda – na verdade, quase não fala –, não é rico... E? E que não houve noite que tenha voltado sozinho para casa.

Bem... Até aqui, constatações – mais: destinos, o que, dado que este pequeno livro quer ser uma espécie de manual, não pode ficar assim: assim, inútil, para quem, como Y, por exemplo, não “nasceu com a estrela”.

“Inútil” é, infelizmente, a palavra – quase. Em que consiste esse “quase”?

Primeiro, em dar conta de determinadas atitudes abordadas, tangencialmente, no primeiro capítulo, ou seja, lições dadas por anos difíceis: tentar evitar qualquer postura que demonstre desconforto e tentar evitar qualquer atitude que dê a entender que se está onde se está por causa das mulheres ou por causa de uma mulher em específico.

Assim, que a alegria ou o conforto ensimesmado sejam os tons. Nada de braços cruzados. Nada de mau-humor; principalmente, se causado por uma noite que não esteja sendo bem sucedida, pois deixar-se minar por negativas leva a mais negativas, assim como, na outra ponta da ocasião, ser aceito leva a mais aceitações.

Enfim, a moral de um homem é o que a mulher capta mais rapidamente.

Regra geral estabelecida, minúcias – que constituem este capítulo – merecem algumas linhas.

A cena é a de um corajoso que se aproxima de sua desejada. Está-se numa pista de dança, o que atrapalha um bocado a comunicação. Ele fala com ela... Ela demora a responder, seja porque não ouviu bem, seja porque o tempo é um fator que a valoriza. Por mais que o próximo movimento dependa da desejada, a questão não é ela; não é sequer a resposta que se espera: é, antes, como se comporta quem espera. Se está parado – ou pior: de braços cruzados – em plena pista de dança, ele está em apuros, e duplamente: primeiro porque está discrepando do todo, que dança: está desconfortável em si; depois porque está onde está não mais do que em função de uma mulher; menos: de uma resposta por parte dela.

O que fazer?

Fazer com que a conversa com a desejada seja mais um aspecto do momento. O nosso corajoso dança; ele fala também com um amigo; ele bebe... Minúcias que ensinam mais: que um “charmoso” não se fabrica; ou seja: que, em casos como o de Y, por exemplo, o mais que se alcança é a simpatia; que, enfim, forçar o charme é errar no pólo oposto ao tratado neste capítulo – é até errar mais ainda.

* * *

Para Y... Anos difíceis: que não querem dizer só derrotas; que não querem dizer que detalhes dele tenham passado sempre despercebidos; afinal, o jogo aqui – repita-se – é a roleta, em que até o azarado tem o seu dia – ou noite; uma noite bem estranha, é verdade. Para que se saibam como podem ser os detalhes...

Mais velha do que Y, ela se mostrava pronta. O cabelo era muito liso e cortado na altura do pescoço; os olhos eram levemente puxados – detalhes que capturaram nosso amigo. Estava, de fato, olhando muito para Y.

Foram poucas as palavras. Beijaram-se. Ou melhor: ele a procurava beijar; ela procurava as orelhas dele. Era o que, em pouco tempo, acontecia: ela estava entregue às orelhas dele – ou seriam as orelhas que lhe estavam entregues? Beijos, língua, palavras, sussuros, ruídos... A confusão só acabou quando ela puxou a orelha direita de Y, como se quisesse arrancá-la – ao que ele foi embora; afinal, não era que as orelhas dele tivessem sido apreciadas: era um caso de metonímia, ou seja, ele estava sendo tomado pelas orelhas (partes pelo todo).

Enfim, não era porque Y gostava dos olhos da tarada que lhe assolou as orelhas que ele fosse beijá-los ou tentar arrancá-los.

7

Quando continuar, quando parar

“A satisfação erótica é uma corrida com obstáculos”

Karl Kraus

À exceção de casos extremados, como o contado acima, não é propriamente fácil saber quando se está ganhando território, perdendo, ou mesmo quando não há mais território. Assim que se arrisquem algumas medidas.

É momento de abandonar uma investida:

- quando o silêncio prevalecer depois de duas tentativas de estabelecer diálogo;
- quando mal recebido, e isso de modo irreversível, ou seja: quando de nada adiantarem gestos apaziguadores;
- quando diante de um rosto indiferente (como de quem olhasse capim), acompanhado de respostas burocráticas.

É momento de continuar:

- quando se tem o sinal mais significativo, que é a conversa fluir;
- quando a conversa não fluir por conta de uma visível timidez por parte da desejada. Nesse caso, o corpo fala: um sorriso, a proximidade, a disposição para ouvir...
- quando a desejada alega estar namorando; um espantalho, muitas vezes. Nesse caso, “estar namorando” faz as vezes de um instrumento de medição da vontade (de quem se aproxima), assim como – só que mais raramente – “vou ao banheiro” ou “vou pegar uma bebida”, o que pede, da parte de quem está sendo medido, saber medir as palavras (o tom) e os gestos da desejada, o que pode exigir respostas rápidas, como: “Não posso me perder de você” ou “deixe, ao menos, eu pagar sua bebida”.

* * *

Um caso extremo (outro); logo, raro e, mesmo assim, instrutivo.

Era numa boate. Depois que Y viu-a, não viu outra.

Tinha – tinha – que tentar. Logo, tratou de tentar ir bem – ao que ela lhe mostrou a aliança: na mão esquerda.

Ele se afastou. Procurou procurar outra. Em vão.

Então, resolveu que seria ela, nas condições que fossem.

Associou-se às amigas dela. Fez da conversa não um meio (patente) de conquista, mas um fim nela mesma: era diversão. Ele estava outro. Ela bebia. Riam.

E, enfim, como Y era amigo do “DJ”, tendo descoberto o gosto musical da desejada, foi o momento da música certa – e lenta. Era Y:

- Casada... Certo, o que não impede que você dance comigo.

8

Expediente

“A única coisa que importa no amor é não parecermos mais bobos do que nos fazem”

Karl Kraus

Sim, pelo jeito, até as casadas são possíveis. É tudo uma questão de trabalho, cuidado e “alea”, como disse um conquistador, não propriamente de mulheres, como se queria Y, mas de impérios: “alea”: o acaso, que sempre há. Para ajudar nisso, um expediente, ainda mais calculado do que os apresentados até aqui, merece atenção.

Quando não se trata de uma aproximação repentina, ou seja, quando se trata de uma desejada que se vê com frequência – no trabalho, num curso, entre amigos –, o desdobramento dos fatos, dada alguma afinidade, aproxima naturalmente.

Como, no que concerne a este livro, tudo é máscara, até a “aproximação natural”, citada acima, deve ser fabricada – e pior: como se fosse natural; como uma bananeira que crescesse em Taiwan.

Conhecidos, colegas, amigos, se a situação for bem conduzida, o gráfico que a representará será como riscos que dançarinos traçam no chão: aproximação e afastamento, aproximação e afastamento...

Ou seja: o movimento que é, por natureza (a nossa própria natureza) e criação, inconsciente para a mulher, deve passar a sê-lo também para o homem.

Uma declaração e muitas zombarias; um bilhete e conversas cujos teores, vários, não dizem respeito, diretamente, ao interessado e à desejada – enfim, o que indica e, ao mesmo tempo, deixa dúvidas: pavimentos que prepararão a investida final, sem que ela seja, como sempre, uma certeza.

E-mails – diálogos por meio de qualquer “site” de relacionamento – e mensagens de celular são, aqui, preciosos, contanto que obedeçam ao fundamento deste capítulo: a modulação. Carinho que brinca e brincadeira que elogia, tom sério que deixa dúvidas, ataque e recuo – cada caloria gasta, sem desespero, por parte do interessado só faz valorizar a desejada.

Nada disso concerne ao tema deste pequeno manual, que é a primeira aproximação, repentina. Certo. Acontece que é lição tudo o que concerne ao sexo oposto, mesmo que cotidiano. O fragmento abaixo tenta dar conta disso.

* * *

Aproximação em dois ou mais tempos não é exclusividade de casos que permitem intimidades.

Numa festa, numa boate – não num bloco carnavalesco –, aproximar-se para deixar impressão, fazer o tempo trabalhar a favor, para, enfim, investir objetivamente constituem momentos (três

ou quatro, no máximo) de uma estratégia preciosa, pois, então, como em qualquer outra ocasião – repetir o fundamento nunca é pouco –: cada caloria gasta, sem desespero, por parte do interessado só faz valorizar a desejada.

Enfim, como o florete, que inflinge dois ou três golpes, antes do ataque em profundidade, assim deve ser quando da aproximação em vários tempos.

* * *

Toda teoria, quando posta em prática, pede sensibilidade, seja para descobrir que não é chegado o momento desta, seja para adaptar aquela. Toda teoria deve fazer-se maleável à prática; assim ensina um caso (um, para não relatar vários)...

A primeira vez que Y viu Ana foi na cozinha do albergue da cidade carnavalesca. Era de manhã, ele a caminho do banho, usando óculos escuros, porque qualquer claridade assim que acorda é, para Y, terrível. Trocaram “ois” – e só. Ele a achou bonitinha e agradável, e ela, Y ficou sabendo depois, achou-o antipático e atraente, duas características que na mente feminina tendem a unir-se e que nunca foram expressamente atribuídas a Y; antes, o contrário (nos dois casos), o que o levou a crer que foram os óculos.

A segunda vez que Y viu Ana foi, mais ou menos, uma hora depois, assim que chegou a um bloco carnavalesco, quando, então, trocou uma dúzia de palavras com ela, para afastar-se e tentar a aproximação em dois tempos – no carnaval!, o que só se explica por Y ter gostado especialmente dela.

Falou rapidamente sobre Ana com um amigo de viagem, que também revelou interesse, achando-se, inclusive, correspondido, o que, para o amigo, era sempre o caso, que quase nunca se confirmava. Nada mais foi dito sobre o assunto enquanto seguiam o bloco, Y silenciosamente querendo achar Ana, o que aconteceu depois de, mais ou menos, meia hora, quando ele a viu conversando com seu amigo (de quem também tinha se perdido), que pouco depois a beijava.

Afastou-se; aproximou-se: fez-se parte da bagunça que o cercava, tentando outras. Tentando achar graça no acontecido: enfim, era carnaval.

Uma nuance

“A mulher está sempre em teste e é apta para o palco por natureza. Ela vive diante de espectadores.”

Karl Kraus

Em mais de dois tempos, conhecidos faz tempo; não é como quando se dobra a esquina e passa-se a desconhecido.

Assim: e quando a mulher de quem se aproxima é conhecida; uma amiga, até? É claro que, então, dispõe-se de algumas vantagens, como ter pavimentado o caminho até o início do fim ou saber das preferências da desejada. A desvantagem pode ficar por conta de algum mal-estar em caso de uma aproximação negligenciada. Quanto a essa possibilidade, cabe (como sempre) um caso exemplar:

Era uma linda e corpulenta loura. Estavam, ela e Y, numa festa amiga e resolveram dançar: forró, o que pede contato – contato...

E, então, como alguns planetas influenciam as marés, mais do que isso – era Y:

- Você sabe que sempre... Você sabe. Dançando assim, é difícil ficar indiferente; resistir...

- O que é isso? Somos amigos. O que é isso?

- O que é isso? – eis a salvação de Y. – Deixa de ser boba. Estou brincando com você. O que é isso, você?

Enfim, Y teve tempo para a retirada, o que nem sempre acontece.

Os amigos, as amigas

“A solidão seria um estado ideal se pudéssemos escolher que pessoas evitar.”

Karl Kraus

Um tema que merece atenção como só um amigo merece – entre tantos que cercam nosso Y (em que, honrosamente, incluo-me). Pena que aqui será tratado rápido e utilitariamente...

Pouco há a escrever sobre um amigo (ou mais) com quem se vai a uma festa, uma boate etc. Se é amigo, será a melhor companhia. Rindo, a dissolução no todo é melhor do que nunca. O amigo ajudará ativamente inclusive – pois é ele que fica conversando com a amiga desinteressante da desejada, de modo a ela não atrapalhar os bons desdobramentos afetivos alheios.

Pouco há, também, a escrever sobre uma eventual amiga (do interessado), pois, então, só há, grosso modo, dois casos: a amiga ciumenta e a amiga que quer mesmo ajudar, de modo a servir de caminho principal em meio a caminhos vicinais. Ambas as amigas – claro esteja – são valorosas, pois não é indigno isso de sentir ciúme de um amigo do sexo oposto. (Aqui, para que não se perca uma chance ou uma amiga, cabe somente observar a diferença que há entre a amiga que sente ciúme do amigo e a amiga que sente ciúme do desejado, que não se sabe assim.)

Diferente, mais há a escrever sobre a amiga ou amigas da desejada que se acaba de conhecer (numa festa, boate etc.). Nesse caso, a experiência (além da educação) ensinou o melhor comportamento: quando for da primeira aproximação, o indicado é apresentar-se à amiga ou às amigas dela. É, inclusive, tentar conversar com ela ou elas. Integrar todos. Dizer até – aqui cabe um tom levemente jocoso – das qualidades da desejada. No mais, que se saiba: as mulheres inventaram a “internet” muito antes da “internet”, e criptografada. Enquanto o interessado dedica-se à aproximação, a desejada envia todo o tipo de sinal para a amiga ou amigas, senão para a boate toda. Duas são as certezas: se a amiga ou uma das amigas apartar a desejada ou puxá-la, não há chance, uma vez que tal comportamento é padrão no caso de um pedido de “socorro”, enviado pela “internet feminina”. Por outro lado, se a amiga ou as amigas abandonar ou abandonarem a desejada – eis um bom sinal. No mais, entre as duas possibilidades, além de mais uma, que é o conjunto comportar-se naturalmente com o interessado por perto, o que há é, ainda, certa dúvida ou confusão: o interessado está em teste.

Continuando na mesma variante do tema, cabe uma nuance, que corresponde ao caso de “uma só amiga”. Pode ser que ela atrapalhe o interessado simplesmente por não querer ficar sozinha (é uma inimiga do amor), sendo que, nesse caso, a chance de isso estar acontecendo aumenta com a feiúra da tal amiga. Nesse caso, complicado, se o interessado não tiver um amigo para distrair a inimiga do amor, o indicado é tentar integrá-la, elogiando tal ou qual qualidade dela (por feia que seja), tomando o cuidado de deixar claro o interesse. Com alguma ajuda do acaso, o momento de afastar-se com a desejada acontecerá naturalmente.

Enfim, uma constatação: observado o cuidado de não passar a imagem de “o amigo das mulheres”, sair com uma amiga (ou mais) torna quem o faz mais confiável aos olhos das mulheres em geral.

Para que este capítulo não fique assim, tão abstrato, um caso vale ser contado, pois dá a perfeita noção de quanto uma mulher pode sentir medo de perder a companhia da amiga.

Foi uma vez que, numa festa a céu aberto, Y estava com um amigo (esse, sim, o agrado das mulheres). O amigo aproximou-se de uma bela mulher, restando a Y o papel de boboda-corte da única amiga – feia. A bela queria somar-se ao amigo. Mais o tempo passava, mais ele queria. Mais ela queria, mais a amiga feia atrapalhava. A situação chegou ao ponto de o amigo puxar a bela de um lado, enquanto a feia puxava de outro, Y tentando demover a amiga (de quem?) de atrapalhar o bom encontro, que acabou acontecendo.

11

Dispositivo mental

As duas Marianas

“A capacidade genial da mulher para esquecer é algo diferente do talento da senhora de não ser capaz de lembrar.”

Karl Kraus

Mais uma artificialidade, sob duplo signo.

A tal altura desta bula afetiva, é possível ter por regra: a avidez afasta as mulheres. E ela, como tudo que concerne à aproximação, à conquista, é tão material quanto simbólica (como tudo de que se tratou aqui), o que talvez explique a máxima: “Quanto mais mulheres, mais mulheres”.

Como?

Quem entra numa festa ou boate etc. não deixa de fora quem é: tensões e levandades, alegrias e tristezas, expectativas e frustrações, como linhas de força; não deixa de fora, acima de tudo, as mulheres passadas, presentes e mesmo futuras; em resumo: a relação que se está mantendo, então, com, mais do que as mulheres ou a soma delas, o ente feminino.

Assim, se é o caso de estar-se vivendo um bom momento junto às mulheres, as freqüentadoras de uma festa, boate etc., parabólicas (“os homens têm quatro sentidos; as mulheres um” – ensina Kraus), sentirão isso: a confiança – o mesmo valendo, em caso de sentimento oposto.

Assim, entrando onde seja, que entrem, também, os melhores momentos da vida de quem for, e não só em termos afetivos...

E quanto às duas Marianas que dão título a este capítulo?

Dada a tônica aqui, eis uma tática ligeira que pede um preâmbulo...

Nosso Y tinha lá seus sete anos quando se apaixonou por Mariana, morena (lembre-se que o sentimentalismo era, para Y, uma sina, e precoce). O problema era que a paixão estava, para Y, como uma estátua numa fonte, ele, talvez, desempenhando o papel do eterno pardal que cata a grama.

Enquanto isso, outra Mariana, loura, estava apaixonada por Y, ou seja, por alguém que nada queria para além da fonte que vislumbrava, de modo que quando ele percebeu, voltou-se mesmo – perdidas as esperanças junto à morena –, para a loura, mulher que já era, ela não quis nada com ele.

Uma precoce lição – que Y converteu num dispositivo mental quando de suas primeiras investidas amorosas.

Uma simples fórmula, que é: se está diante da Mariana morena, pense nela como se fosse a loura.

Numa frase, a farsa: não se quer o que se quer.

Melhor ainda: o interessado deve aproximar-se da desejada como se outra, tão bela quanto, estivesse apaixonada por ele – e isso de modo que a individualidade pareça bastar-se em si; pareça mais: trazer dois ou três amores irresponsáveis.

12

De quando se aproximar parece dispensar qualquer cuidado

Um caso não propriamente exemplar

“O sedutor que se gaba de iniciar as mulheres nos mistérios do amor: o estrangeiro que chega à estação ferroviária e se dispõe a mostrar as belezas da cidade ao guia turístico”

Karl Kraus

Afastado de sua infância, próximo de suas duas Marianas só como ideais, Y aventura-se.

Descobre mundos, que correspondem a novos códigos.

Não é porque paga-se uma bebida que se pode quebrar o copo.

Pois sim: houve um período na vida de Y em que ele freqüentou relações pagas. Sim, relações.

Porque quem vai a puteiro achando que é só sexo é como quem desconhece as fases de cozimento de, por exemplo, macarrão instantâneo – o que se explica.

Se a natureza, o destino ou seja lá o que for não dotou Y de talento para aproximar-se das mulheres, dotou-o de sensibilidade (o que se constatou acima quando o tema foi a linguagem feminina, de que se aproximava).

Assim, rapidamente, ou seja, logo da primeira vez que buscou relações pagas, Y entendeu que estava diante de uma dama mais exigente do que nunca. Exigência? De onde viria ela se o comércio é, ou melhor, parece mais claro do que nunca. Vem de uma triste condição, que, para que se entenda, deve-se descer a algumas minúcias da criação feminina, pois não foi à toa que Adão perdeu a costela.

De que trata essa costela? Da doação que qualquer homem que se preze intui, ao menos, ser necessária para fazer da mulher que está diante dele: uma mulher. Por que uma doação?

Porque qualquer mulher, minimamente bem criada, é criada para saber que seu sexo é o que existe de mais precioso nela. Assim, em se tratando de uma mulher que pôde dispor de um mínimo de zelo, ela exigirá de quem deseja seu tesouro: outros tesouros ou caças a minas.

Conversa-se, agrada-se, dão-se presentes, janta-se uma vez, outras, o que pede bons vinhos – comporta-se, enfim, o interessado como se estivesse diante de uma mulher única, pois é assim que ela quer; pois é assim que ela foi criada para querer. Mais: tudo se passa como se queira mais do que uma primeira vez; como se fosse selada, então, uma espécie de fidelidade fugaz – e quando, enfim, a primeira vez acontece é como se houvesse, no ar, qualquer coisa de estupro consentido, e isso por mais livre que seja a mulher cuidadosamente envolvida... Ela que cede uma segunda, uma terceira vez, que, caso não derive para uma quarta, deriva – isso é certo – em acusações que só um abuso poderia justificar.

Do contrário, assim poderia ser o pacto: eu me divirto, você também, e assim ficamos.

Isso nunca, e ainda bem, pois é esse o jogo da mulher adulta; a aventura do homem, que tem na cidade a selva; na roupa, a armadura; na bebida, o elixir; no cigarro, o amuleto; na conversa, a habilidade... E esse jogo dura um namoro, um casamento que seja, pois não se iluda, caro leitor, a costela será dada todo e cada dia (só que com menos encanto).

Bem, descritas (sumariamente) a criação média feminina e a corte, o que tudo isso se relaciona com a dama paga? Relaciona-se, e em todas as instâncias, uma vez que é tal dama a desprovida de tesouro, a segregada do jogo, a amante do casual, por mais – e exatamente por isso – que se pague por ela.

Assim e então, que fique: não saberá das relações pagas quem ignora as perdas que as precederam. Mais: não saberá da mulher que for, da boa aproximação, quem ignora a criação feminina no que concerne ao seu tesouro e às doações que levam a ele.

Em meio a insucessos, eis ao menos um ganho, pois este caso, que diz também da primeira aproximação relativa a qualquer mulher, Y soube-se contar.

“Ela disse a si mesma: ‘Dormir com ele tudo bem – mas nada de intimidades’.”

Karl Kraus

Y continua a aventurar-se.

Como no caso do puteiro, a casa de “swing” passa impressões erradas.

Assim como as damas pagas, as damas trocadas parecem ser números numa conta.

Longe disso. Se o puteiro exige um código mínimo de conduta, o código de conduta num “swing” é mais complexo. Tanto que a primeira vez que Y entrou numa casa assim, foi só para observar como funcionava.

Primeiro, o contato visual, e aos pares, pois de nada adianta a mulher de um casal gostar do homem de outro, se o homem do primeiro não gosta da mulher deste (a não ser que este seja “vouyeur”, o que exige, mesmo assim, sua aprovação). Depois, a aproximação cuidadosa, que se confirma por meio de toques – também aos pares. Enfim, o respeito ao desenvolvimento dos novos casais, trocados. Que as etapas mantenham-se parelhas.

Enfim, não é tanto, embora Y intua que haja mais códigos e mais nuances que não captou porque não participou de mais do que duas sessões de “swing” – por gosto ou desgosto, constatação que merece algumas observações, uma vez que pode encaminhar ou não perder tal ou qual leitor.

É que “swing”, como Y descobriu, integra um fetiche à parte; um mundo à parte. Ou quer-se mesmo participar dele – sente-se o desejo ganhando corpo –, ou não. Não há isso de tentar restaurar a vida de um casal por meio do “swing”, a não ser que ele esteja predisposto a tal fetiche, que mistura “voyerismo”, ciúme, exibição etc. De modo que: quem pretende o “swing”, se for fortemente inclinado a intimidades e carinhos, é melhor nem tentar.

Enfim, e em caso de dúvida que persiste, um breve diálogo presenciado por quem mais observava do que agia – um conhecido – dá conta do espírito do “swing”. Foi entre uma mulher em pleno ato e outra que passava, rápida:

A rápida (para mulher em ato): - Você viu meu marido por aí?

- Não é ele aqui, em cima de mim?
- Não, esse é seu marido.
- Ih, é. É verdade. Que chatice.

* * *

Como o próprio “swing” pode deixar de funcionar, mesmo para seus mais fervorosos seguidores, conta um verdadeiro viciado, o que pede um testemunho:

“Sou um médico novo que alcançou rápido o auge da carreira. Estou rico. Amo minha mulher, o que acredito ser recíproco. Ambos somos viciados em ‘swing’, de modo que a novidade foi cedendo espaço para a mesmice. Então, não se tratava mais de trocar de parceiras três, quatro, cinco vezes por noite... O que me obrigou a produzir um ‘swing’ numa casa pegando fogo; logo, não era mais só o sexo; era também a proximidade da morte, o que é, bem sei, triste, uma vez que, não demora, não sei mais o que desejar, além do dia em que eu volte a desejar somente minha mulher, na minha cama.”

14

Separado, bebendo

“Aqueles dois se casaram: vivem desde então em mútua viuvez.”

Karl Kraus

Um capítulo dedicado exclusivamente a Y, que viveu a comodidade, como ela deve ser: depois de aventuras; podendo contar com, ao menos, suas lembranças...

Avançando na vida de Y – enfim –, ela avançou rápido, e em direção e sentido tradicionais, mas não conservadores, o que o próprio Y pede para destacar (a única exigência), lembrando da

máxima de John Stuart-Mill: “Não é que todo conservador seja burro; é que todo burro é conservador”.

Tradições e conservadorismos à parte, como este é um manual que trata do primeiro momento masculino junto ao feminino, o único fato relevante aqui, com relação ao casamento de Y, foi sua separação, o que se explica: ela o botou bebendo, e mais... (De resto, que não se encontre um único livro útil sobre casamento, isso é porque o assunto é intratável.)

Bebendo, como estava, Y começou a descobrir que seu fígado era maior do que seu coração, em que, logo que houve a separação, nada ia, apesar de ser, então, a época mais prolífica da vida afetiva dele.

Houve, primeiro, uma modelo, cujos olhos eram olivas: Andréia. Ela era de modo que... Y não garantia sequer se ela existiu, pois, namorando, não cobrava nada dele. Telefonava a cada dois dias “só para ouvir a voz” dele. Cozinhava para ele; dava-lhe de beber, uma vez que Y passava por um dos piores momentos financeiros de sua vida (tudo vem junto)...

Namoro... Por que (também) tratar disso, se este manual é sobre a primeira aproximação? Trata-se, aqui, de notar como o álcool é uma liga social poderosa, pois, do contrário, como seria possível? Y estava pobre e descuidado, e ela, Andréia, modelo, dava-lhe de tudo, amava-o.

Contudo, o namoro acabou rápido. Primeiro porque Y não sentia nada pela mulher que fosse (mesmo que fosse a descrita); depois porque, Andréia, tendo sido namorada do líder da principal seita alucinógena (sim, trata-se de entorpecentes) brasileira, Y via-se a todo momento sendo seguido por figuras estranhas... O que não importa, uma vez que, vivo depois da separação e além, ele tem um caso para contar, a saber: a sua única cretinice... Que, devendo ainda ao tema etílico, passava para o efeito contrário ao da liga social que vinha descrevendo, o que explica a “moderação” sugerida nas constatações que se encontram no início do manual. É que, tão mais Y, bebedor, atraía as mulheres, tão mais ele se via perdido, o que concorreu para o único episódio em que ele se sentiu cretino na sua vida – como quem agrada as mulheres não deve ser. Segue, portanto, um relato:

Foi o seguinte: tomado pelo álcool; mais: levado, por ele, telefonou para uma conhecida, pedindo que fosse ao bar onde estava. Ela mal aparecia, Y já dizia a que vinha: queria namorá-la (quando, na verdade, só pensava em sexo), e ela aceitou, pois, afinal, Y deve ter contado todas as estrelas

que se viam ou não. Namorados, foram para casa de Y, onde ele teve o que queria. Tendo acordado umas seis horas depois, não sabia o que dizer, o que fazer, e ela acordava. Vendo Y sem graça, ela disse o que ele também sentia: “Não eram namorados, de fato” – o que Y não pôde negar; o que botou a mais fugaz entre as ex-namoradas correndo casa afora.

O que Y conseguiu com isso? Um namoro que durou, no máximo, sete horas.

Eis, portanto, apresentados os extremos, os cuidados que as doses éticas exigem.

* * *

Outro exemplo do mau uso ético, também protagonizado por nosso amigo, decorreu da subvalorização disso que se pode chamar de “espírito báquico”, ou seja, o sentimento que predomina em cada um quando tomado pela bebida que tomou. Há quem fique verdadeiro demais; há quem fique violento; há quem fique rico; há quem se feche; há quem ame – tudo: de uma passante a um poste... Não é preciso revelar o “espírito báquico” digno de nosso Y.

Pois bem. Amar não é, em si, um problema, assim como o maior risco de beber não é a bebida, mas o que se faz quando se bebe. Assim, Y conheceu uma ruiva tatuadora, que estava, pela vez dela, tomada pelo espírito dela. Conheceu também sua casa. O estúdio que ela tinha em casa...

- Posso fazer uma tatuagem em você? – era ela.

- Faz o que quiser, amor. – era Y.

E eis que ele acordou um pouco mais emblemático do que nunca, com a sorte de o emblema não estar mal e não ser dos piores, embora revelasse (e revele) traços de uma mão algo imprecisa.

Enfim.

O beijo: o motivo de todas as boas possibilidades mencionadas nos capítulos anteriores. O entardecer deste pequeno manual.

Acima de tudo: beijo não se pede; ele é o desdobramento final de uma série de desdobramentos, que, se foram positivos, é porque foram naturais – assim como deve vir o beijo.

Mão na cintura da desejada, nas costas ou até mesmo mãos que se encontram, eis investigações interessantes logo antes do desdobramento final, que pode demorar um pouco mais porque ela vira o rosto, lentamente – para conferir à pequena batalha seus últimos movimentos ornamentais... Nada mais deve ser dito.

SEGUNDA PARTE

16

Estados

“Gostava tanto de mulher que não conseguia escolher.”

Lord Thomas New

Não. Este pequeno manual não pode ser acusado de bairrismo, pois não foram poucas as vezes que ouvi que as cariocas são as mulheres mais difíceis do Brasil; talvez, do mundo – à exceção, quem sabe, da Sibéria onde o frio deve desanimar qualquer investida.

Cariocas enquadradas, um capítulo que não é mais do que um curto relatório, decorrente de erros interestaduais contados pelo nosso Y.

Por proximidade:

A paulistana, embora preste atenção em quesitos diferentes dos valorizados no Rio de Janeiro (para além da mais famosa do que real rixa), tende a gostar do carioca, e isso exatamente porque ele oferece novidades. Ele é, normalmente, mais esquivo, espirituoso e desleixado (o que, às vezes, conta a favor) do que o paulista. Este é mais arrumado e restrito. Já, a paulistana tende a ser mais interessante do que seu correspondente masculino e do que as cariocas, que não primam pela conversa (pois se a regra é fingir indiferença...). Logo, é natural que a beleza seja a qualidade por excelência no Rio de Janeiro (o que talvez explique a dificuldade que se enfrenta para chegar às suas mulheres).

Já a mineira é quase o oposto da carioca. É naturalmente bonita e apreciadora da conversa (que, muitas vezes, é fiada mesmo). Com isso, acompanha-se bebida, pois mineira bebe muito, o que desaconselha qualquer tipo de rivalidade – mesmo brincando. É, então, por vários motivos que

ela estimulará a conversa, o que, se, por um lado, é ruim, porque pode ser desprovido de significado; por outro, é bom, porque permite reverter impressões ligeiras por meio de palavras. Palavras: mais do que nunca se está num terreno em que “sim” e “não” – quando usados, o que, entre mineiras é raro – nada significam. Costuma-se apreciar o sotaque mineiro.

A gaúcha é considerada a mulher mais bonita do Brasil. É conservadora (mais do que a mineira). É assertiva e ligeiramente distante. Junto à gaúcha, deve-se evitar qualquer tema minimamente polêmico. Junto a ela – principalmente –, não deve haver estado como o Rio Grande do Sul.

Tão bonita quanto a gaúcha é a catarinense. Conversadora também, esta é mais reticente do que aquela. O estado também é uma questão em Santa Catarina... Quando comparado ao Rio Grande do Sul. A catarinense é um tanto provinciana (no bom sentido). Para efeito de comparação, provincianismo estranho é o paulistano, que se quer metrópole; mais especificamente, Nova York (pode ser).

Com relação ainda à paulistana, versões provincianas mais diluídas (mais ingênuas), graciosas até (quando defendidas por mulheres), encontram-se no interior de São Paulo, onde se houve: “É a melhor empada do mundo”; “é a cidade mais verde do mundo”; “aqui se produz tanto café...” etc.

A baiana é, de fato, quente, pois encara a questão sexual naturalmente; às vezes, quase como o baiano. É bem humorada e tende a ter humor; afinal, quem não faz rir, no Nordeste (adiante-se), de um modo geral, de nada serve. É por isso que o baiano pode complicar a vida afetiva de qualquer brasileiro (onde não haja preconceito). Ele é espirituoso (ela tanto quanto). A Bahia é o último reduto do “saber viver” brasileiro; assim, diferente do metropolitano, o baiano ganha parte considerável de seu tempo exercitando a lãbia. Tende a ser um bom amigo.

Quanto à lãbia, bom falador é o pernambucano. Uma lãbia rica de expressões interessantes, a exemplo de (contra preguiçosos): “Deixe de leximaniose”. Por isso, se o leitor não dispuser de boas histórias, é melhor nem tentar a pernambucana. No mais, que se lembre que não foram poucas as vezes que essa mulher, no século 17, combateu os holandeses, usando, inclusive, tinas cheias de sumos das mais fortes pimentas.

Em outras cidades médias e grandes nordestinas, a conversa continuará a ser boa moeda de troca. O tipo introspectivo, que pode agradar no Rio ou em São Paulo, não faz muito efeito no

Nordeste. Quanto ao interior deste, aconselha-se todo cuidado, pois seus códigos morais são diferentes dos praticados em clima urbano, onde se criam plantas domésticas. O cuidado deve ser tão maior quanto maior é a atração que o tipo da capital exerce nessas terras. Tais observações servem para quase todo Norte; mais do que nunca, para o Pará. Manaus aproxima-se do padrão urbano.

O Centro-Oeste espanta. As belezas femininas só rivalizam com as cozinhas locais. Homens e mulheres são fechados. A confiança vem devagar. A noite, que é um pequeno teatro do dia, pede dedicação a uma ou duas desejadas, no máximo. Eis um trabalho que recompensa bem. Essa região também pede observar o código moral.

Brasília, com seu urbanismo conservador, abriu espaço para gerações divididas, de modo que se encontram tanto jovens que vêm no dinheiro e no poder suas estruturas afetivas avançadas e defendidas quanto jovens que subvertem; o sexo, inclusive.

17

Um país ou outro

“Sempre penso: poderia ser pior. Eu poderia ter nascido no miolo dos Estados Unidos.”

Lord Thomas New

Quanto ao exterior do Brasil, há alguns casos curiosos (até onde Y sabe, o que não vai muito longe).

O beijo, como brincadeira afetiva prévia, é valorizado no Brasil como em nenhum outro país. Nos Estados Unidos e nos países cisláteis, o beijo público não é propriamente bem visto, e isso exatamente porque não significa uma “brincadeira afetiva”; exatamente porque significa mais: nos Estados Unidos – principalmente –, o beijo corresponde a seu modelo governamental, pois trata-se de uma espécie de prévias presidenciais. Ou seja: não demora, e o casal estará estudando, um no outro, os 50 estados mais o distrito federal. Emblemático quanto a isso é o

evento que encerra os períodos colegial e universitário (“Prom”, de “Promenade”). Eles, usando “black ties”, e elas, vestidos longos, entram aos pares (previamente definidos) em salões festivos. Dançam, elegem seus príncipes e princesas, bebem... Quando se beijam – normalmente, afastados das festas: em carros, por exemplo – alcançam, via de regra, seus fins.

Tudo isso é em conformidade com o espírito protestante, puritano e hipócrita do país.

Já em países cisplatinos, o beijo objetivo não obedece ao espírito norte-americano (afinal, não pode haver país mais objetivo...). A questão é simplesmente essa: “Por que beijar por beijar?”. Em visita ao Uruguai, onde, aliás, o princípio máximo da polidez é evitar, a todo custo, ganhar uma única partida de truco contra seus anfitriões, um amigo passou pela seguinte experiência: conquistou uma bela uruguaia; saíram; ele buscava o beijo, e nada – até que ela o convidou para ir ao seu carro, onde tudo aconteceu.

Ao que tudo indica, as argentinas agem parecido, dado o seguinte agravante: elas gostam de zombar do brasileiro. Assim foi que Y viveu seu pesadelo, enquanto cinco lindas garotas – narizes compridos e cabelos lisos com franja – pulavam em torno dele, dizendo: “Dá um beijinho (porque, para elas, falamos tudo no diminutivo), dá um beijinho”, de modo que, esquecendo o grupo, Y resolveu concentrar na mais bonita – em vão. Sumiram como fadas que eram.

De resto, o puteiro, que diz tanto de uma cidade quanto – segundo um completo estudioso dos costumes – a periferia, não foge, aqui, à regra. As damas pagas portenhas negam qualquer tipo de aproximação (um esbarrão que seja) antes de fechado o negócio. São justas.

Atravessando um oceano, a liberdade de costumes européia não é mítica; ainda mais na França, que é o país onde mais se faz sexo no mundo. O que, infelizmente, acontece é que, em alguns países, o estrangeiro não é propriamente incorporado, mesmo que fale a língua local.

Interessante é que, mesmo nesses países avessos, tudo pode mudar... À luz da noite. Na pouca receptiva Espanha, tudo muda, de fato, em Ibiza (parcialmente independente). Subiu a primeira estrela, os corpos deitam-se, aos pares ou mais, muito facilmente. Como nada é de graça, tudo, em Ibiza, é caro; além disso, o tráfico de drogas pesadas é praticamente livre (o que, às vezes, não é positivo).

Subindo para Amsterdã, um albergue médio é como um bom hotel brasileiro. O que hospedou Y dava para um lago. Mais notável do que isso, lá, é isso de tudo se protestar pelado. Assim, de

manhã, saindo do albergue em busca de um café, vieram na direção de Y, sem mais, algo em torno de sessenta peitos, que protestavam o quê? Não pôde – não interessou a Y – saber. Note-se: a possibilidade negativa do golpe – e que golpe – de sorte que arrebatou Y são os homens politizados.

Países mais frios, interiorizados, como a Bélgica e a Suíça, parecem falar de conservadorismo. Em parte. A outra parte são as belas jovens que encontram poucos prazeres em seus dias cinzentos.

Indo ao limite, sem poder mais do que relatar um caso pontual, encontra-se a turca que Y conheceu no Brasil mesmo. Numa boate. Um tipo realmente especial – o tom de pele, o nariz afiado, os olhos desenhados –, ela vinha, infelizmente, acompanhada de três amigos (?). Como ela descobriu em Y algum inglês, mostrou-se livre e sorridente. Aconteceu que Y não conseguia relaxar, uma vez que os tais amigos fechavam uma espécie de cerco contra ele, tendo um deles, inclusive, parado bem atrás de Y, de modo que este sentia a respiração daquele. Quando o mais gordo e velho do grupo, que usava um pequeno pano sobre o ombro, fechou a mão num sinal, Y já tinha escapulado.

18

Balanço

“Se Roma não foi construída num dia, tampouco foi em cem anos. Por que, então, a pressa?”

Lord Thomas New

A Antigüidade, com suas dialéticas e seus dialéticos bacanais, que, em meio a sociedades decadentes e vinhos, encontraram seus ápices, até que a nova religião viesse a inventar o pecado, que, tão logo foi ao paraíso, foi ao sexo.

A Idade Média, que (segundo um brilhante lógico) só sustentou a monogamia porque a vizinha mais próxima estava a dezenas de quilômetros a cavalo – e para além: tantas belas bruxas

queimadas, tantos pensamentos e imaginações calados a força de rezas, e o que mais, reforçando a proibição, reforçava, por outro lado, o desejo, de modo que, nos burgos, igrejas e prostíbulos ficavam próximos, no coração da cidade. O amor e seus trovadores.

A confusão em meio a cidades que crescem vertiginosamente, onde: como ama o povo? O burguês já ama como tal? E a religião? Quanto ainda pesa sua mão tão metafísica quanto física? Certo é que o amor – não tão bem amor – avança, como uma peste, em meio às cortes. Tudo circula. O mundo, com seus novos continentes que ensinam sexualidades, senão mais livres, mais descobertas; as notícias; o sangue mesmo...

A proverbial libertinagem, entre cortes, do século 18, com seus tipos magníficos, como Giacomo Casanova, Alessandro Cagliostro e o eterno Barão de Saint-Germain. Seus escritores, como Marquês de Sade e Crébillon Fils, que ganhavam a Europa, assim como o livre pensamento, encarnado num Voltaire.

O século 19, romântico, como também foi o século 20, que, no mais, foi tudo: repressor, religioso, burguês, hipócrita, feminista, alucinado, político, alternativo...

* * *

Crítica

“Estes ‘originais’ [os jovens] continuam – trinta anos depois de W. Reich, esse excelente educador da juventude – a ter comportamentos erótico-amorosos dos mais tradicionais, reproduzindo as relações gerais da sociedade de classes em suas relações intersexuais.”

A miséria do meio estudantil, Mustapha Khayati

“Relacionamento? Ficar sozinhos juntos.”

“Sexo? Um substituto cada vez mais inadequado para a masturbação”

O groucho-marxismo, Bob Black

Passados tantos séculos, o nosso pode vangloriar-se de ter inventado um fenômeno que tanto o reflete: a aproximação (a abordagem sediciosa ou “pegação” – repita-se), assim como descrita neste pequeno manual. Descrita, sem ser pensada, ou seja, descrita cientificamente – uma falha que se tentará suprir, a partir do mote: afinal, o que significa toda essa aproximação?

Para começar, uma nova estrutura afetiva – isso é certo, tanto quanto homens e mulheres, entre si ou no interior de seus gêneros, entregam-se a noites que não exigem muitas palavras para que se convertam em beijos, e mais. Fenômeno brasileiro, mas não só, como o capítulo 17 tentou mostrar.

Estrutura nova. E os interiores?

Nada saberá da aproximação, como ela se dá hoje, se não se souber que ela é mais uma manifestação da atual geração conservadora. A aproximação é, enfim e em si, conservadora. Como, se ela permite, livres, conhecimentos entre desconhecidos?

Esses conhecimentos são corporificações de sociedades que se estruturam sobre aparências. A começar pela idéia de “conhecimento” mesma. Se ela acontece – a melhor das hipóteses – em meio a festas, boates, carnavais etc., é como se diz de um livro: conheço tal livro, ou seja: não o li. No caso aqui, o paralelo não é absurdo – é mesmo literal; afinal, quem lê o “outro” ao longo de algumas horas, e nas seguintes condições (normalmente): confusão, barulho, escuridão, etilismo – e mais: quem lê um indivíduo que, para que alcance seu objetivo, apresenta-se como folha de rosto?

Que o encontro, hoje, dê-se assim, isso não é, por si, criticável. É, segundo indicam pesquisas, ilusório, o que se prova: não mais do que 20% dos encontros que se dão nas condições explicitadas desdobram-se em outros. Destes, metade aprofunda-se, que é quando as porcentagens aumentam: 70%, em sexo. Logo, partindo do primeiro beijo entre conhecidos (que ainda não se conhecem), só 7% terminam em sexo, que é – esse sim – o comportamento subversivo, uma vez que beijos e contatos que o acompanham, não só se banalizaram, como podem querer dizer: nada. Assim, se beijos e afins são normas, subversivas são suas negações, sendo que subversivas mesmo seriam diversas modalidades sexuais: livres (práticas que sofreram baixas desde a década de 1960; especialmente, desde a disseminação da maldita doença surgida na década de 1980)... Enfim e em termos realistas: subversivos são os beijos e afins que

acontecem entre realmente conhecidos, que querem aprofundar seus conhecimentos, ou seja, relações sexuais que se vão enriquecendo de significados.

(Tudo isso sem esquecer que o século 20 viu surgir o sonho do sexo livre, cujo significado estaria nele mesmo, enriquecendo-se nele mesmo, o que a massificação e a normatização crescentes nas sociedades ocidentais esvaneceram; principalmente quando tais tendências atingiram as formas de lazer. O homem e a mulher em esteiras produtivas tendem a sexualidades produtivas.)

Enfim, instituições como o namoro, o casamento, a traição, o ciúme, o egoísmo só se fizeram mais sérias.

O século 21 é um século que, em todos os aspectos, surgiu sob o signo da seriedade, essa que se mantém em contraste aos últimos afãs de experiências que o século 20 viu em seus poetas arruaceiros, boêmios, vagabundos iluminados, teosofistas, hermetistas, situacionistas, “beatniks”, jazzistas, tropicalistas, “bossa-novistas”, “desbundados”, “Sex-pistols”, “Rolling Stones”, “Cheap thrills”, tomadores de LSD e Ayahuasca.

19

Precedentes?

“Não é que dinheiro, bebida e sexo movam o mundo. É que... Quem quer saber do movimento do mundo?”

Lord Thomas New

Com que se parece, ao longo da história, essa nossa “aproximação”?

Os mais sólidos exemplos seriam os bailes de máscaras do século 18; numa Veneza, por exemplo.

As seitas sexuais que se constituíram a partir do século 17, ganhando força máxima no 19, não são bons paralelos, uma vez que iam direto ao objetivo, dispensando palavras e preliminares que não sexuais.

A teoria pictórica egípcia não é mais do que um boato. De todo modo, merece ser citada, pois, segundo ela, as representações antigas de homens, mulheres, deuses e deusas não são perfiladas em vão. Supõem-se assim, perfis para seus observadores, porque assim estavam sempre os egípcios de então: uns encarando os outros, em supostas festas constantes. Em tempos faraônicos, observava-se uma máxima de nosso tempo: “Ver e ser visto”.

Enfim, os jardins suspensos. Documentos indicam noites festivas em dias alternados (há teóricos que defendem que tais alternâncias obedeciam a intervalos ao longo dos quais os babilônios recuperavam-se e cumpriam funções sociais básicas). Isso não é de todo absurdo uma vez que – aqui, os documentos são explícitos – todos os andares de tais jardins enchiam-se de homens e mulheres que se dedicavam laboriosamente a todos os tipos de prazeres que se iam refinando à medida que se subia. Tais práticas eram associadas às riquezas dos próprios jardins e, enfim, à da cidade de Semiramis, além de Ur, Nippur e Lagash.

* * *

Circunscrito ao nosso tema, caso excepcional apresenta a pequena e rica cultura sidsi, que se instalou entre a Índia e o Paquistão.

Povo exíguo, moreno e de baixa estatura, cujos olhos tendem, misteriosamente, para tons claros.

A confluência que consolidou os sidsis é desconhecida. Sobre eles, antropológicamente, não há aspecto que interesse mais do que o ritual de cortejo. Nesse momento, homem e mulher não se falam; não, pelo menos, por meio da voz. Tampouco da escrita. A coisa é mais sutil, como se contará.

Desde pequeno, o sidsi é preparado para ser um minerador. Aprende a rastrear pequenas reservas de tipos os mais variados; aprende como extrair a pedra preciosa e como trabalhá-la. Até os quinze anos, o sidsi dedicará tais jóias aos pais. Depois disso, escolhida uma menina de sua

idade, ele começa a preparar o seu “zasqui”, ou seja, uma fita de couro trabalhada onde se incrustarão cinco pedras em formato oval. Outros “zasquis” serão, normalmente, confeccionados pelo mesmo sidsi, uma vez que se trata de uma sociedade poligâmica.

Assim é o “zasqui”, segundo estudiosos. A primeira pedra, da esquerda para a direita, chama-se “zuquê”, a pedra seminal (rara), que pode significar, dependendo da cor e das clivagens, um sentimento que não encontra nome entre os sidsis, que, referindo-se a ele, elevam-se e irritam-se ao mesmo tempo. Pode também significar união ou erotismo. As pedras do meio (três) como que conferem matizes ao “zuquê”, em termos de simpatia, cuidado, diversão, virilidade... A última pedra chama-se “tiuiu” e funciona, simbolicamente, como um espelho; ela se reflete, retrospectivamente, sobre todas as outras pedras, inclusive o “zuquê”. É o matiz dos matizes, inclusive o tom seminal.

Enfim, a leitura de um “zasqui”, para que são preparadas todas as meninas sidsis, depende do tipo de pedra, da cor e de inúmeras clivagens, além da seqüência, que parece oferecer uma espécie de média de mensagens.

Fato é que os sidsis parecem felizes em suas uniões.

Com relação ao modo como se aproximam homens e mulheres, são emblemáticos.

20

Pré-precedentes

“Ninguém me convence de que ancestrais nossos vieram para onde não sabiam (a América), por meio de um estreito, no limite da ásia, extremamente frio, que só existe durante determinado período do ano.”

Lord Thomas New

Desde o paleolítico superior (40.000 a.C), muitas pinturas rupestres exploram o tema sexual – até porque as atividades, entre caçar, reproduzir e dormir não eram muitas. Tais pinturas exploram, mais precisamente, o tema em si. Quanto a antecedentes ou conquistas, pouco se sabe.

De início, é certo que os membros sexuais masculinos não correspondem às proporções expressas, o que impediria, de todo, a reprodução, ou seja, a continuidade até o “Homo sapiens sapiens”. Nesse sentido, qualquer exagero reflete desejo de poder fálico, que se tentava manter firme, uma vez que a norma era a poligamia masculina, o que explica o surgimento e uso da pedra lascada. Como se sabe, a monogamia veio servir quando a noção de propriedade tornou-se o centro de qualquer sociedade chamada – misteriosamente – civilizada. Estava-se, então, no Neolítico, quando a pedra pedia polimento e os animais (o homem, inclusive) eram domesticados.

Para além, tais pinturas, estátuas e bastões fálicos sugerem as práticas da masturbação (inclusive feminina), do sexo em diversas posições, inclusive o oral e o anal, que em nada se relacionariam ao tema deste pequeno manual, não fossem revelar determinados refinamentos em meio a coletividades que são, normalmente, consideradas inferiores, o que qualquer casamento atual contradiz. Refinados também eram o uso de cosméticos naturais e o ritual da dança, esses, sim, relacionados ao tema deste pequeno livro, de modo a merecer algumas considerações.

Quanto ao uso de cosméticos, era comum em ambos os sexos, sem que fosse associado ao homossexualismo, embora este fosse, então, comum e livre, assim como se observa em meio a orangotangos e gorilas, o que deve ser violento.

Violências à parte, o uso de cosméticos era, então, só em alguns aspectos parecido com o que se entende hoje por isso. Havia, por exemplo, composições para efeitos odoríferos, que, como o pólen, resistiram incrivelmente ao tempo, uma vez que eram e são recobertas por proteínas e polímeros. Assim, por meio de recipientes rudimentares em que se encontram traços de compostos, sabe-se de algumas tendências. Ao que tudo indica, o paleolítico superior caracterizou-se pelo uso da seiva. Era ainda cedo para que se usassem flores para perfumar; cedo para um processo que exige muita energia para pouco produto, ou seja, algumas centenas de pétalas para que se consiga algo em torno de cem gramas de pó, misturados – já se está, então, no começo do Neolítico – em água, a que se somou depois sumos mais pastosos, que garantiam a permanência do odor floral; pois sim: o Neolítico foi floral; em seu fim, principalmente. Supõe-

se ainda que outra família de compostos pastosos servia para untar cabelos, tanto masculinos quanto femininos.

Outras composições serviam claramente para que homens e mulheres pré-históricos desenhasssem em seus rostos e corpos. Retas paralelas, diagonais, pontos e, desde já, formas circulares, usando sangue animal. Javalis, tigres, mamutes. Quanto maior o bicho cujo sangue pintava o homem, maior seu prestígio. Seguiam a mesma lógica colares em que iam chifres, dentes e presas, bem como peles animais com que se cobriam os corpos – os mais vistosos, alaranjados, rajados e cobertos por manchas escuras, reservados para rituais de que se tratará aqui, rapidamente. Achou-se, inclusive, um par de vestimentas para os pés feito de pele de crocodilo. Neste caso, o carbono 14 indicou a origem neolítica.

Entre suposições, certo é que ao longo de todos os períodos, desde o Paleolítico Superior, houve rituais envolvendo danças, que eram animadas por instrumentos percursivos (indícios levam a espécies de flautas rudimentares também). O intrigante, aqui, fica por conta das motivações que levavam a tais rituais. Muitos se voltavam para forças naturais, tratadas como deidades primitivas – isso é certo. Havia, segundo pinturas rupestres encontradas na França, reuniões em torno de um dia de caça bem sucedido; quando se derrubava um bicho de grande porte, principalmente. Pinturas encontradas na Holanda causam perplexidades. Nelas, toda pintura que indica algum tipo de reunião vem seguida de homens e mulheres (às vezes, só homens; às vezes, só mulheres) agarrados uns aos outros dentro de cavernas. E mais: cenas de, ora homens, ora mulheres, saindo das tais cavernas, quando o sol é representado. No mais, primatas bebendo em tigelas e reuniões que são desfeitas quando atravessadas por bichos de grande porte. Nestes casos, as imagens seriam banais, não fossem sempre acompanhadas de outras que representam, como que a seguir, uma reunião ainda maior e mais agitada.

Milhares de anos mais tarde o “Homo sapiens sapiens” conviveria com o “Cro-magnon”, cujo volume cerebral foi o maior registrado entre nossos antepassados. Como, apesar disso, as regiões frontais (que respondem por apelos morais) não eram bem desenvolvidas, supõe-se que não houve antepassado nosso que se dedicasse mais ao sexo, suas variantes e posições. Parece que uma região privilegiada no cérebro avantajado do “Cro-magnon” fosse dedicada somente à inteligência sexual.

Momento histórico

“Deste-nos olhos e permitiste que a beleza das tuas criaturas nos deslumbrasse!”

Omar Kháyám

A verdade destaca-se dos ruídos: somos sexualmente ignorantes. Tal atriz revela que seu "forte" é o sexo, muitos contam muitas histórias, os filmes são espetaculares, mas a verdade persiste, porque é suave: somos sexualmente ignorantes.

Talentos e experiências – existem, claro. Então, que se explique: por “nós”, entenda-se uma generalização: o Ocidente, e, por ignorância, entenda-se o contrário do estudo.

Logo, eis a questão aqui, em termos mais claros: por que não uma ciência do sexo? Por que - para ser mais claro ainda – astrofísica (nada contra) e não sexologia? Por que não uma constelação de pontos corporais sensíveis? (Entendendo-se por "sexologia" algo mais do que se entende por esse termo hoje: mera pedagogia do sexo.)

Sonha-se, então. Sonha-se uma civilização que, antes de querer saber a exata distância entre a Terra e a Lua (nada contra: esse belo astro sexual), quis saber o exato carinho na região atrás do joelho. Sonha-se uma civilização que, antes de liberar energias atômicas, quis saber das energias liberadas durante o ato sexual. Tudo assim, natural. Nada de catedrático: a morte em vida de qualquer saber.

Há, claro, o Kama Sutra – que não é ocidental nem levado a sério, o que só confirma a teoria da ignorância.

Há mais: a erotologia árabe. Pois sim: o conjunto de sociedades que mais se toma, hoje, por moralista teve seu momento: o renascimento árabe, que, entre perspectivas, matemáticas, poemas, bússolas, tanto ofereceu ao nosso Renascimento – oferecendo inclusive toda uma literatura voltada para temas que vão da corte à “cópula” mais sutil.

Sendo assim, não se pode, para o estabelecimento deste manual, ignorar tal literatura, duplamente limitada: primeiro, porque são poucos os livros que lhe recuperaram – até hoje – o

hipócrita Ocidente; depois, porque o tema, aqui, restringe-se à assim chamada “corte”. Nada que, mesmo assim, impeça uma coletânea de bons conselhos, para usos atuais, inclusive.

Assim, em pesquisa, que conduziu a meia dúzia de livros, dois mostraram-se especialmente interessantes, dado o contexto; são eles: “Os campos perfumados [onde se exproaiam os prazeres]” (século 15), de autoria do xeique Muhammad al-Nafzawi, e “As fontes do prazer”, de autoria de Al-Sayed Haroun Ibn Hussein Al-Makhzoumi (século 17). (De resto, que se leiam tais livros, muito mais intensos do que as citações permitem entrever).

Enfim: os bons conselhos; as transcrições, cuidadosamente recolhidas e dedicadas. Primeiro “Os campos...”:

- “O homem em questão deve ter o peito leve de se suportar, mas uma bunda que pese muito.”

- Sobre preparativos que evitaram uma guerra: “Ó Musaylima, pede a alguns de teus companheiros que armem para ti, fora da cidade, uma tenda circular de seda com desenhos de diversas cores. No interior serão colocados tapetes e almofadas ornados de bordados em fios de ouro. Em seguida espalhareis por ela os diversos tipos de perfumes maravilhosos, como de madeira de aloés, de âmbar-cinzentos, de âmbar-amarelo, de madeira de sândalo branco, de almíscar, de benjoim, resina de lentisco e outras coisas semelhantes. Depois, soltarás as cordas da tenda fazendo-a arriar sobre fumaças assim produzidas. Asperge-a então com todos os tipos de águas impregnadas de almíscar, como água de rosas, água de flores, rosa branca almiscarada, água de aromas silvestres, água de cravos vermelhos, de circéias brancas. Rega-a também com água do espantoso ‘pallénis’, a fim de que seu odor impregne o tecido da tenda. Em seguida, ergue teu trono e o de tua visitante no interior desse pavilhão de seda, onde ninguém entrará além de vós dois. Quando a mulher respirar o delicioso aroma reinante, distender-se-á diante de ti, pois a mulher, ao aspirar um perfume suave, passa a desejar imediatamente a cópula.”

- “O homem elogiado pelas mulheres também é aquele que manifesta iniciativa, que se mantém sempre limpo, que supera por suas qualidades aqueles de seu grupo social, que tem o melhor caráter, aquele cujo talhe é fino e que tem fisionomia agradável. Nunca mente quando fala a uma mulher e suas palavras correspondem à verdade. É liberal, valente, tem sentimentos generosos e caráter fácil de suportar. Quando diz alguma coisa, pode-se acreditar nele, e, quando promete, mantém a palavra. Não trai a confiança depositada nele. Eis o homem que pode até ousar pedir

para se aproximar das mulheres, para conhecê-las intimamente, para se tornar objeto único de seu amor.”

- “Também é desagradável às mulheres aquele que é feio, medonho – a menos que disponha de certa fortuna. Também o é aquele que se veste com trapos velhos, tem odor de mofo ou outro mau cheiro. E também aquele que não tem iniciativa, que pede conselhos a todo o mundo sem conseguir tomar uma decisão, que mente muito, que não tem pudor e abriga sentimentos de medo, assim como de ódio e inquietude.”

- “Conta-se que havia uma mulher chamada ‘A Petulante’. Era a pessoa mais instruída de seu tempo, a mais capaz de tirar lições da experiência. Certo dia perguntaram-lhe: - Ó tu, sábia, diz-nos como chega a inteligência ao conjunto das mulheres. – Chega-lhes do lugar situado entre suas coxas – respondeu ela.”

- “O conhecimento intuitivo reside nos olhos; o amor apaixonado reside no coração; o gosto reside no portal. A prova é que os olhos vêem antes o que possui um sabor, julga a perfeição física, admira a forma, a qualidade da aparência. Seu apego pelo objeto em questão vai então para o coração, onde o amor apaixonado tem seus alicerces permanentes. Os membros seguem esse movimentos e consideram, então, o objeto.”

Agora, “As fontes do prazer”:

- “É um ato complexo e significativo nos seres humanos, distintamente do que ocorre entre animais.” (...) “Mas, infelizmente, embora isso devesse ser sabido, geralmente não o é, e a prática da cópula pela maioria dos seres humanos parece, em todos os detalhes, com a dos cães, bois, aves e outros animais: um encontro apressado, instintivo, um tanto vil, selvagem e muito breve.”

- “Aquele que é capaz de desfrutar a cópula, e não o faz por qualquer razão, não está comigo e perdeu seu paraíso terrestre.”

- “O homem tem um vislumbre do céu quando está nos braços de uma mulher suave, bela e apaixonada.”

- “Existem pessoas obtusas e sem inspiração que consideram essa tal prática indecorosa, imoral e anormal.”

- “Ah! Quantos lugares existem para se afagar e beijar uma mulher, e como é infundável o tempo quando se está fazendo isso!”

- “O pescoço da mulher é um de seus traços mais atraentes. Quando esbelto, longo, bem formado e sem manchas é excitante para o tato e para o olhar. É uma área muito sensível, a parte de trás mais do que a da frente.”

- “A mulher tem a cabeça cheia de pontos sensíveis e reage com paixão quando eles são afagados e beijados. As bochechas, as pálpebras e as sobrancelhas devem ser beijadas e acariciadas, enquanto se murmuram ternas palavras de carinho para ela (...) Assoprar ou morder as orelhas ou atrás delas aumenta a paixão da mulher (...) As raízes dos cabelos da mulher são sensíveis ao tato, e ela reage com suspiros de prazer ao ter seus cabelos alisados ou puxados com delicadeza, enquanto o homem afunda o rosto neles e sente seu viçoso perfume (...) Os braços, as mãos e os dedos da mulher são uma delícia para se pegar, acariciar, beijar e morder. A parte de dentro do antebraço é a mais sensível, e os beijos e mordiscos nessa área fazem com que a mulher enrosque os braços em torno do homem em arrebatamento.”

- “O homem é um pensador. Um construtor, um explorador e um cientista (...) O impulso da cópula ocupa apenas parte de seus pensamentos e sonhos, uma parte relativamente pouco importante, a não ser para aqueles homens cuja sexualidade é tão forte que lhes ocupa por inteiro o pensamento (...) São inúteis à raça humana, pois não contribuem com nada.”

- “Nesse assédio, que no homem civilizado é apenas simbólico, a mulher se submete com alegria se o homem lhe for atrevido, e tem grande excitação e prazer desde o princípio da caça.”

- “Com seu corpo belo e macio, a mulher funciona como um forte ímã para o homem (...) No final, é ele que é vencido.”

- “Para capturar e dominar a mulher, neste caso e ao cortejá-la, o homem deve pôr em ação o melhor de si. Precisa de tato, compreensão e ternura.”

- “[As mulheres] foram feitas assim, uma diferente da outra, para que os homens procurem unir-se a tantas quantas puderem, pois cada uma trará uma nova delícia.”

- “Você [homem] também deve lavar-se e arrumar-se. Corte bem as unhas, raspe todo excesso de pelo ao redor da boca e apare a barba com elegância (...) Tanto você como a mulher devem estar

vestidos com roupas frescas, folgadas e sem partes incômodas, e fáceis para tirar, para que você não fique atrapalhado quando chegar o momento de se livrar delas.”

- “Não coma uma refeição pesada antes de buscar a cópula, pois isto o deixará sonolento e entorpecido (...) Mande aprontar uma cesta com frutas e também nozes de todo tipo, e talvez um jarro de mel e um pouco de pão fresco. Assim, vocês podem começar seus momentos juntos beliscando esses petiscos, que também podem servir para revigorá-los mais tarde.”

- “Cumprimente a mulher com um abraço terno e ardente, e mostre sempre por palavras e atos que você a escolheu porque nenhuma outra lhe pode dar tanto prazer. Isso deve deliciá-la, pois todas as mulheres ficam encantadas com elogios (...) Sente-se com ela por algum tempo, conversando sobre temas amenos e divertidos. No início, as mulheres gostam de ser cortejadas de maneira lenta e suave (...) Acaricie-lhe os braços e o pescoço, e beije-a nos lábios... [Os árabes cultivam o beijo na boca, como forma de arte, muito antes do Ocidente. A literatura pré-islâmica dá vários testemunhos disso.]”

- “Esforce-se sempre para beijar, afagar, acariciar e manipular simultaneamente tantas partes do corpo da mulher quantas sejam possíveis. [Diversos estados norte-americanos e muitos países proíbem sexo oral, mesmo depois do casamento.]”

- “Contra impotência, a ingestão de testículos de camelo e crocodilo (encontrados secos em pó) é benéfica.”

- Algumas verdades eternas: “A mulher é irresistivelmente atraída pelo homem forte, corajoso e viril, pois em seus braços encontra seu abrigo de gratificação e segurança físicas (...) Se o destino a coloca junto de um homem fraco, sente-se muito perturbada, já que isso significa insegurança e possível perigo para ela e seus filhos. Dele não pode obter conforto, nem para o corpo, nem para o espírito. Torna-se fria e apática e pode lançar-lhe todo tipo de invectivas, para castigá-lo pela fraqueza que a faz infeliz (...) A mulher satisfeita é uma criatura deliciosamente doce. É um deleite para os olhos, o corpo e o espírito do homem, que terá através dela um vislumbre do paraíso (...) A mulher insatisfeita é uma criatura terrível, pois em sua insatisfação ela perde tudo, e sua vida torna-se tão desolada quanto o grande Saara, e seu espírito tão negro quanto a noite eterna (...) As mulheres são como crianças: são o que delas se fizer. Mime-as e colherá tormentos. Trate-as mal, e colherá a ira. Dê-lhes o seu amor e a sua atenção, e desabrocharão como lindas flores (...) Quando uma mulher deseja um homem e rejeita todos os

demais, diz-se que ela está apaixonada por ele. Ela não consegue ter prazer com outros (...) Quando o homem quer estar constantemente com a mulher que ama, à exclusão de todas as demais atividades sem ela ou longe dela, ele é carente de masculinidade (...) Os homens não devem lutar por causa de mulheres, pois assim serão como os animais. Uma mulher que espalha propositalmente a discórdia entre os homens usando o próprio corpo como isca é maléfica, e deve ser isolada do convívio com os homens. Tais mulheres costumam derivar grande estímulo sexual da visão de homens brigando por elas, e sua excitação aumenta com derramamento de sangue (...) Demonstre grande compaixão pela adúltera, pois é mais provável que você mesmo a tenha levado a esse caminho por sua insensibilidade (...) A mais doce das mulheres pode ser transformada em uma megera pelo homem que a excita mas não a satisfaz.”

CONCLUSÃO

“Eu parto. Tu ficas. Dois outonos”

Banshō

Este livro repousa sobre um único fundamento: a troca involuntária de sinais. Ou seja, numa frase: o fato de todos trocarmos sinais que, de sutileza em sutileza, dizem mais de nós do que a soma de nossas expressões conscientes – até porque a tais expressões correspondem formas, que, por vezes, fogem ao controle.

Tais sinais são potencializados quando em ambientes que promovem contatos sociais. Primeiro porque tais ambientes predispõem à tensão, à ansiedade (relativa à primeira imagem que se quer passar); depois porque, para infelicidade masculina, mulheres foram equipadas – talvez até em sentido darwinista – para intuir. Isso é, pelo menos, o que testes meticolosos e parecidos comprovam; testes assim conduzidos: diante de falsos espelhos, mulheres e homens observam-se durante algo em torno de 10 minutos; em seguida, os voluntários preenchem questionários voltados para características, pessoais e implícitas, relativas aos observados: profissão, estado civil, humor etc. – mulheres acertaram 40% mais do que homens.

Sinais involuntários? Por que, então, um livro em que vão preceitos, casos exemplares, cronologias? Porque manipular o voluntário é tudo que se pode quanto ao involuntário. Porque mudanças de postura e atitude implicam nova sintonia involuntária.

É claro, portanto, que o ideal, quanto ao nosso tema: a “aproximação”, seria não dizer nem mais, nem menos do que se quer – o ideal. Enquanto ele não é alcançado, só posso desejar que os casos contados pelo amigo Y (obrigado), mais observações laterais, indiquem dois ou três atalhos num caminho cheio de bifurcações, encruzilhadas, curvas fechadas, falsas belezas e placas sediciosas. No mais, um pequeno manual que, com sorte, servirá a antropologias futuras.